JOÃO PENHA

VIAGEM POR TERRA

AO

PAIZ DOS SONHOS

COM UM PREFACIO E NOTAS

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

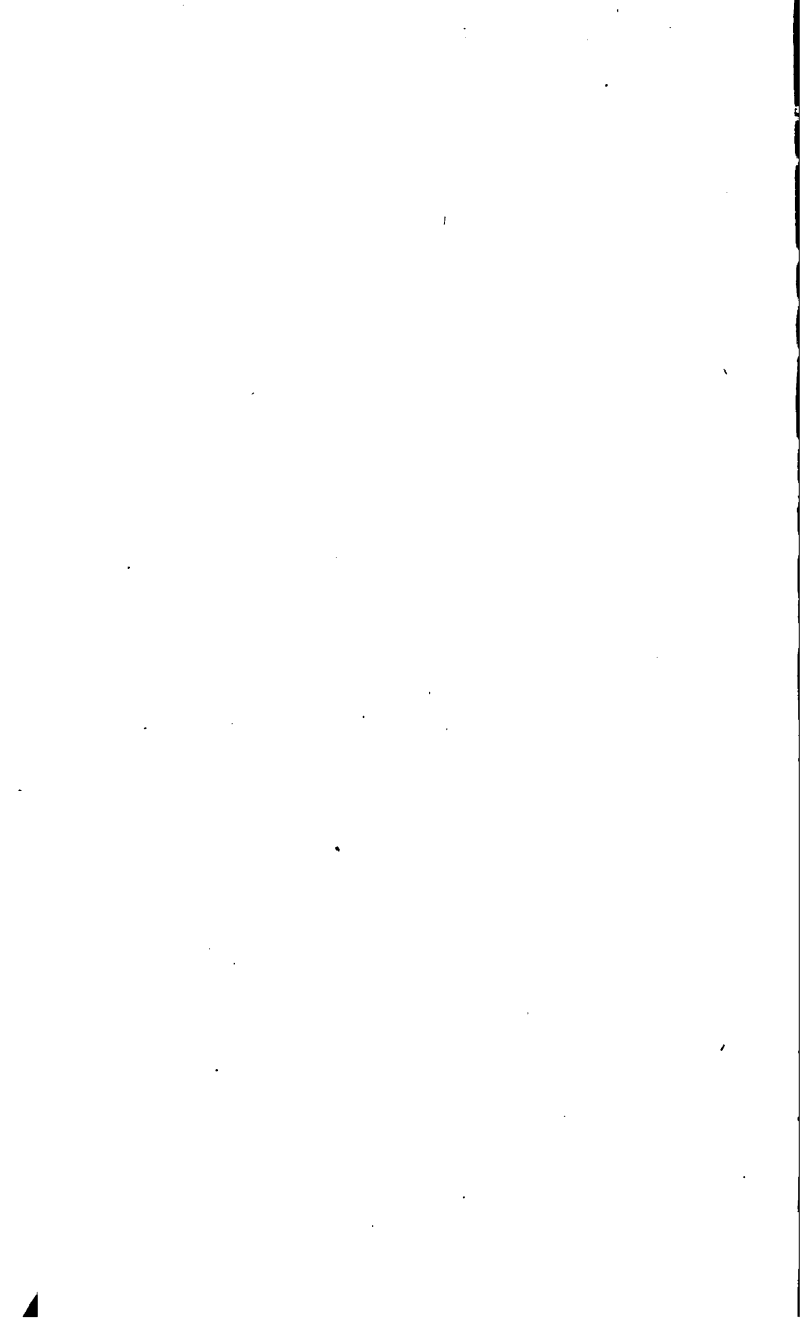
VIAGEM POR TERRA

AO

PAIZ DOS SONHOS

JOÃO PENHA

VIAGEM POR TERRA

AO

PAIZ DOS SONHOS

COM UM PREFACIO E NOTAS

I

A MUSA QUE RI

II

TANCREDO

III

AS EVOCAÇÕES

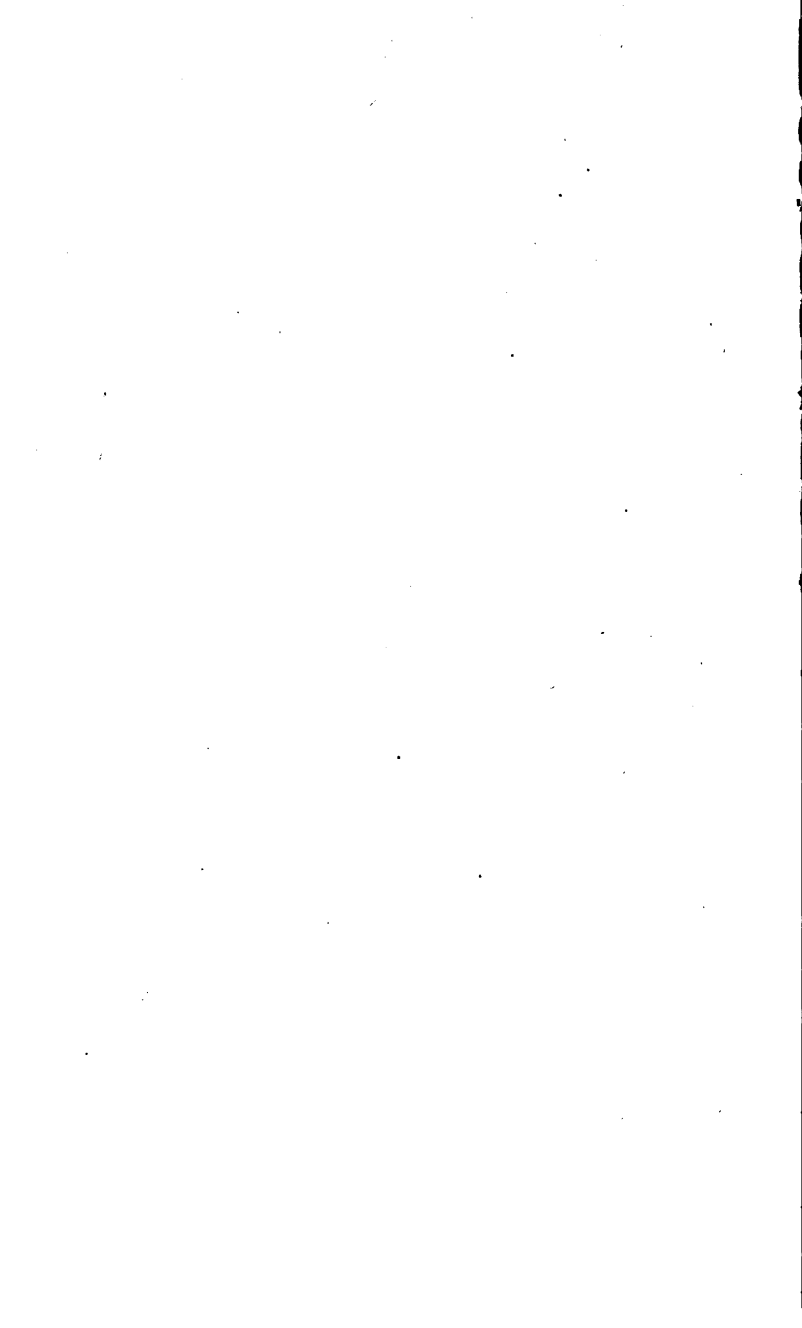
IV

ARIAS MODERNAS

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

Tiram-se d'este livro 4 exemplares em papel especial.

Porto — Imprensa Moderna — R. Duque de Loulé, 101 a 107.

PREFACIO

PREFACIO

Em 1882 publiquei, debaixo do titulo de *Rimas*. uma primeira collecção de versos, dividida em quatro partes: *Vinho e fel*, *Onofre*, *Violão nocturno*, e *Lyra de Pangloss*. Sae agora esta, sob o titulo de *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, titulo bastante comprido, mas que os meus leitores, se é que os tenho, poderão encurtar, lendo-o apenas até ao meio. Este volume contém, como aquelle primeiro, por symetria, tambem quatro partes: *A Musa que ri*, *Tancredo*, *As evocações* e *Arias modernas*. E' natural que se imagine que as composições contidas neste meu segundo livro são posteriores ás colleccionadas naquelle primeiro; mas não é assim, porque, pelo contrario, a maior parte d'ellas não só são anteriores, mas até são das primeiras que compuz, sendo esta a principal razão porque substitui o titulo, primeiramente escolhido, de *Novas Rimas*, por aquelle posteriormente adoptado.

A poesia intitulada *Epicurismo* é, se bem me recor-

do, a primeira que publiquei: a *Eu e Elle*, inedita, é da mesma epocha. Estas duas poesias, se assim se lhes póde chamar, e ainda varias outras contidas na *Musa que ri*, sem esta explicação, que me pareceu necessaria para elucidar os curiosos que se entregam a investigações de cousas insignificantes, poderiam ser adduzidas como prova da minha decadencia, quando realmente não representam mais que o inicio da minha evolução artistica. Decadencia, se a ha, deve ser procurada nas duas composições, da mesma parte, o *Ultimo bohemio*, e a *Aventura*, e em todas as que constituem as *Arias modernas*. São estas e algumas outras, unicamente, as que devem considerar-se posteriores ás *Rimas*, sem que se entenda, porém, que foram compostas durante o longo tempo que decorreu desde a publicação d'esse volume até agora, tempo de inercia artistica, forçada, empregado na luta ingloria pela existencia, — porque, bem ou mal, o foram ha mezes apenas. Os cu-

riosos, pois, a que acima me referi, se porventura tiverem a phantasia de me lerem, e me quizerem ler com methodo, deverão principiar pela *Musa que ri*, excluidas aquellas duas poesias, e mais uma ou outra, e pelo *Tancredo*, o conto alegre da minha adolescencia artistica; passarão depois ás *Evocações e ás Rimas*, e acabarão, se não adormecerem antes, pelas *Arias modernas*. Batendo nestas com o diapasão, e levando-o rapidamente ao ouvido, obterão a consonancia provavel das minhas futuras composições. Nas poesias antigas, que entram neste volume, e que são menos de metade das que poderia collecionar se me fosse dado saber onde ellas param, não fiz alterações algumas, alterações que poderiam modificar-lhes a sua ingenua simplicidade artistica, quebrando ao mesmo tempo, quanto á fórma, a unidade sonora que, instinctivamente, lhes dei. Apenas substitui algumas palavras ou expressões que, por estudos posteriores da lingua, me pareceram de uma pureza

mais que suspeita. A composição *Eu e elle,* a que já me referi, pela sua edade, deveria ser, na ordem da distribuição das materias, a primeira ou uma das primeiras da *Musa que ri;* colloquei-a, porém, no fim, porque serve, por assim dizer, de introito ao *Tancredo. Elle* é o proprio *Tancredo; Eu* o outro personagem d'essa phantasia real. Para concluir estas explicações, direi ainda, quanto ao titulo: *Viagem por terra ao paiz dos sonhos* que, se o escolhi, foi porque me pareceu que nos meus versos, além do seu elemento real e essencialmente humano, havia tambem a projecção ideal d'esse mesmo elemento pelo sonho e pela phantasia.

Este prefacio não deveria conter senão isto, porque foi para dar estas explicações que me resolvi a escrevel-o; não obstante, como para prefacio ficaria de-

masiadamente anão, abalançar-me-ei, por vir a pêllo, a expor algumas ideas, talvez originaes, ácerca da arte poetica.

Defino a poesia: « a revelação harmoniosa do pensamento humano; » dou-lhe a mesma definição que á musica, sua irmã gemea e inseparavel. Nessa revelação « harmoniosa » é que consiste a arte poetica, immutavel em seus principios fundamentaes, como todas as outras artes, só variaveis quanto a circumstancias accidentaes ou secundarias. A existencia de escolas, mais ou menos distinctas umas das outras, tem origem neste facto, apenas. Na poesia ha, pois, segundo a minha definição, dous elementos: a idea e a fórma, nem até poderia deixar de ser assim, porque embora a idea possa existir amorpha, não se concebe o que seja uma fórma sem idea. Essa é comtudo a accusação que geralmente se faz aos chamados parnasianos. Apraz-me, porém, suppor que o que com essa accusação se quer dizer é que

os parnasianos antepõem a fórma á idea. A este respeito, a questão resume-se em averiguar se a razão está do lado dos criticos, se do lado dos criticados. Ora, como isto prende com a definição que expuz, e que pretendo sustentar, direi algumas palavras ácerca d'esta materia, mas rapidas, porque isto é um simples prefacio, e não um curso de litteratura, e muito menos de psychologia ou physiologia.

Principiarei pela *idea.*

É sobremodo curioso o que a este respeito pensam e sustentam os physiologistas modernos. Quasi todos elles negam a existencia da alma porque, segundo dizem, nunca a viram, porque nas suas analyses nunca a encontraram. Sustentam uns que o homem não é mais que um simples composto de gazes: oxigenio, hydrogenio, azote e outros.

Não se comprehende bem como esses pobres gazes, combinados entre si de certa maneira, possam adquirir

força de vontade, intelligencia e sensibilidade, e, revelando-se exteriormente, produzam poemas, estatuas, desenhos, operas e monumentos; é, porém assim, porque este phenomeno se observa, e, portanto, a consequencia logica d'aquelle principio ou antes d'aquella affirmação é que esses poemas, estatuas, pinturas, operas e monumentos não são realmente mais que productos chimicos, embora não classificados no diccionario do Wurtz. Os *Lusiadas*, por exemplo, não são outra cousa mais que um composto de oxigenio, hydrogenio, azote, e vapor d'agua, porque Luiz de Camões outra cousa não era que um aggregado d'esses mesmos gazes.

Outros attribuem os phenomenos erradamente chamados psychologicos á substancia parda, existente no cerebro, e ultimamente Bombarda, fazendo-se echo de physiologistas estrangeiros, modificando-os não obstante, declarou expressamente *urbi et orbe* que os actos, e portanto os pensamentos humanos, eram determina-

dos, apenas, pelos neurones, e que o livre arbitrio não passava de uma phantasia da velha psychologia, que fazia rir a verdadeira sciencia. Todos os que ouviram o illustre conferente o applaudiram com uma prolongada salva de palmas, dizem as gazetas; parece-me, porém, que esses applausos pouco poderiam lisongeal-o, porque segundo a sua propria theoria, se elle fez aquella declaração categorica, é porque não podia deixar de a fazer, e se os que o escutaram o applaudiram, palmeando-o, foi pela mesma razão, assente que não existe o livre-arbitrio: foram os neurones de uns a applaudir os neurones dos outros.

Realmente, nestas, como em muitas outras theorias dos modernos e dos antigos physiologistas, existe, como agora geralmente se diz á franceza, « um fundo de verdade,» — mas essa verdade é prejudicada por uma falsa orientação de principios, e por uma quasi incomprehensivel ignorancia de origens, determinadas por outras sciencias.

Como estas palavras envolvem uma accusação, accusação tanto mais grave quanto é certo que se dirige contra sabios que se repotreiam em suas cadeiras magistraes, parece-me que é do meu dever defendel-a.

Para mim, o homem não é o que elle suppõe. Suppõe elle, no seu orgulho incommensuravel, que é um sêr á parte, o rei da creação, um deus, e que este planeta, onde surgiu sem saber porque, nem para que, foi expressamente creado para lhe servir de pedestal: o sol foi acceso para o alumiar de dia, a lua foi creada para lhe servir de luminaria á noite.

Eu, apesar de pertencer ao genero, não o entendo assim: não vejo que haja differença sensivel entre o homem e o microbio, comparando a grandeza de um e outro com a d'este globo onde vivem. Suba-se a alguns kilometros de altura, n'um aerostato, e a maior agglomeração de homens parecerá, a quem de cima a observe, um simples formigueiro, d'ahi a pouco uma sombra,

d'ahi a pouco, nada: Londres, com os seus quatro milhões de habitantes, desapparecerá n'um póro da terra: entre o homem e o microbio não haverá differença alguma: serão dous atomos do astro, fazendo ambos parte integrante d'elle, formados do mesmo barro, e sujeitos ás mesmas leis, ás mesmas forças que regem os mundos.

A Terra, pobre e insignificante planeta que nem luz propria tem, move-se á roda de si mesma, em vinte e quatro horas, com a velocidade da bala de canhão; girando assim sobre si mesma, move-se á roda do sol, em trezentos e sessenta e cinco dias, ou em trezentos e sessenta e seis, com a velocidade vertiginosa de 70 kilometros por segundo. A nebulosa, ou conjuncto de soes, de que faz parte o nosso, com todos os seus planetas e satellites, gira sobre si mesma com uma velocidade inconcebivel, e essa mesma nebulosa, além d'este movimento de rotação, move-se ainda, conjunctamente

com muitas outras constellações, á roda de um centro, que deve existir, ignorando-se aonde. Mas, não são só estes os movimentos dos astros: nebulosas, soes, planetas, e satellites, além d'aquelles movimentos de rotação e translação, caminham, no espaço, n'uma direcção que ninguem póde determinar, e, caminhando assim, não se movem, porque não se move quem tem sempre diante de si o mesmo espaço a percorrer: o infinito!

Quem assiste a este espectaculo, — porque isto vê-se até onde os olhos estupefactos da astronomia podem chegar — vê a Força, a Intelligencia, e a Sensibilidade Infinita em sua mysteriosa acção, ininterrupta, sem principio e sem fim: vê Deus.

Em meio d'esta massa estupenda de mundos, movendo-se vertiginosa, através do infinito, em sua mysteriosa evolução, quem poderá vêr a mónada, o chamado rei da creação? Ninguem.

A não ser elle proprio, cheio de orgulho: em Lon-

dres a foçar, de mangas arregaçadas, em bioplasmas; em outras moleculas do astro, a medir anfractuosidades de cerebro, bossas e fossas, a mexer em substancias pardas; e em Paris, resumindo todas as conclusões da sciencia physiologica, a mandar riscar de todos os livros escolares a palavra obsoleta: Deus!

Não obstante, e por mais que elle faça, diga, affirme ou negue, o que elle é realmente é um atomo ou pouco mais do globo em que vive, e do qual faz parte. Os agentes metereologicos actúam sobre elle, e principalmente sobre o seu systema nervoso, e sobre a parte liquida do seu organismo, como sobre todas as outras substancias terrestres: os phenomenos excepcionaes, como os terremotos e as erupções vulcanicas, que lançam na atmosphera os gazes represados no ventre do astro, produzem nelle, affectando-lhe todos os seus elementos physicos, perturbações manifestas que podem determinar um desequilibrio, mais ou menos intenso, em suas

funcções vitaes. Agentes, porém, mais poderosos, como são os que provêm das attracções e repulsões astraes, os originados nas perturbações que produz, no nosso systema planetario, a passagem dos cometas, as alterações cosmicas produzidas na nossa nebulosa pela velhice, enfraquecimento ou morte de alguns dos soes que a compõem, a formação de outros, e sobretudo a aproximação ou afastamento d'essa nebulosa de outras que estão disseminadas no infinito, são os que, influindo mais ou menos directamente sobre a terra, e, portanto sobre o organismo do homem, o impellem, quasi automato, n'uma direcção que elle desconhece. Em qual? Na da propria evolução dos mundos. A evolução da humanidade que o homem, no seu nunca desmentido orgulho, attribue a si proprio, não é differente da dos astros: é a mesma, determinada por Deus, para um fim que só elle conhece.

Mas, dir-se-ha: essas conclusões longe de contraria-

rem as theorias dos materialistas antigos e modernos, manifestamente as confirmam, embora por outros fundamentos, e assim é; — as cousas, porém, mudarão de aspecto, logo que, admittida a existencia da alma, não como uma simples hypothese, mas como um facto, averiguado por todas as sciencias dignas d'este nome, e pelo estudo de nós mesmos, se determine a sua intervenção nos actos humanos.

Não vem para aqui a discussão de velhos themas, como o da união da alma com o corpo, o da sua natureza immortal ou transitoria, o da séde onde reside, e de muitos outros, e não vem para aqui, porque isto não é, como eu já disse, e não cesso de o repetir, um curso de philosophia, mas um simples prefacio de um livro de versos. Direi, porém, em poucas palavras, e como segunda premissa do argumento que estou desenvolvendo, quaes são as minhas ideas áquelle respeito.

Como profundamente se diz no *Genesis*, o homem

foi feito á imagem e semelhança de Deus. Em que sentido? No de que tem em si a força (voluntas), a intelligencia e a sensibilidade, não distinctas, mas formando uma unidade indivisivel, a alma, e que são como que a imagem reflexa de Deus, que é a Força Infinita, infinitamente Intelligente e Sensivel.

Essa parcella divina está, a meu vêr, consubstanciada, não, por exemplo, na mónada genitriz, mas em todo o organismo do homem, como o calor n'um ferro em brasa, embora actue mais directamente sobre o encéphalo, centro d'onde irradia todo o systema nervoso. D'esta união, tão intima, resulta um mutuo amor, uma reciproca influencia, de modo que se a materia, pela sua superabundancia, pela sua força, ou por outras circumstancias accidentaes, domina a alma, a acção d'esta é neutralisada, e póde até ser aniquilada; se, pelo contrario, é a alma que predomina, e subjuga a materia, amando-a não obstante, o corpo obedece-lhe como um

escravo submisso. D'aqui a repugnancia pelo estudo, a ignorancia, a sensualidade e a estupidez em uns; o amor pelo saber, a preferencia dos prazeres espirituaes sobre os mundanos, a sciencia, o genio e o talento, em outros.

Mas em que sentido será a acção mysteriosa da alma sobre o corpo?

No da evolução geral do universo, determinada por Deus, contra o qual a alma não póde estar em opposição, porque d'elle proveio, e é feita á sua imagem e semelhança. Serve, pois, de guia ao homem, e dirige-o, actuando directamente sobre a parte do seu organismo mais adequada á sua actividade, e sobre os materiaes que esse organismo lhe offerece, em ordem a encaminhal-o durante a sua trajectoria nesta vida.

Se a alma não cumpre esta missão ou se é dominada pela materia, ha rebeldia, aberração, loucura e morte: o homem não cumpre o seu destino e descerá talvez a mundos inferiores.

Entre os materiaes sobre que a alma exerce a sua actividade avultam as ideas. Transmittem-se na sua quasi totalidade, ao encéphalo, por meio dos sentidos, e ahi se fixam. É preciso não confundir ideas com juizos ou pensamentos, os quaes não podem formar-se sem a intervenção da intelligencia. As ideas, pelo contrario, podem existir, e existem, sem essa intervenção, e até, amorphas, podem determinar, automaticamente, movimentos sensitivos. A intelligencia apodera-se das ideas, e trabalhando-as dá-lhes fórma de expressão, que póde permanecer latente, ou transmittir-se ao mundo exterior.

É d'esta ultima transmissão, e no mundo da arte, que eu passo a occupar-me, porque tudo o mais está fóra da these que eu me propuz defender, e que é: que a poesia é a revelação harmoniosa do pensamento, e que nessa revelação a fórma é o principal; a idea, materia prima da procreação artistica, uma cousa relativamente secundaria.

Como passo do mundo abstracto para o concreto, substituirei, n'esta segunda parte da minha demonstração, a expressão alma pela de artista, o homem cujos elementos psychicos sobrepujam os physiologicos.

Como deverá elle proceder na procreação de uma obra d'arte? Como procedem os grandes artistas.

Se não são erróneos os principios que acima expuz, e em que fundamento, ainda que o não pareça, toda a minha demonstração, — assim como o homem foi feito á imagem e semelhança de Deus, assim a obra d'arte deve ser feita á imagem e semelhança do artista que a procrie. Deve, pois, procurar entre os seus proprios pensamentos os que lhe pareçam mais adequados ao fim que se proponha, e não entre os pensamentos dos outros, porque só assim poderá ser original. Nessa escolha não deve preoccupar-se de quaes sejam as ideas do seculo, porque a evolução da humanidade, como a dos mundos, obedece, segundo os principios que expuz, a

forças exteriores, que actuam sobre todos os seres, e os impelle ao seu destino; e assim, a não haver rebeldia contra essas forças, e, portanto, aberração, a sua obra, seja qual fôr a idea que para ella prefira, será do seu tempo, e seguirá, na mesma trajectoria, o movimento geral. Escolhida d'este modo a idea, sem preoccupações algumas, é preciso procreal-a, dar-lhe fórma exterior, em ordem a que possa ser admittida no mundo, a poucos accessivel, da arte.

Os principios que até aqui expuz são applicaveis á procreação de qualquer obra d'arte, mas agora fallarei só da poesia, porque é sobre ella que, realmente, versa este ligeiro estudo.

A fórma d'um pensamento poetico é o rythmo e a sonoridade musical. Não separo a poesia da musica, porque estas duas artes estão tão intimamente ligadas, que uma não póde existir sem a outra: a differença que póde haver entre ellas é a de que na musica a melodia

está no canto, e a harmonia no acompanhamento orchestral; e na poesia, a melodia está no pensamento, e a harmonia no verso.

O fundamento da musica está na producção, na mesma unidade de tempo, de um ou mais sons: maximas, minimas, colcheas, semi-colcheas, fusas e semi-fusas. Cada unidade de tempo fórma um compasso, marcado, na musica escripta, pelas linhas verticaes áquellas em que se acham desenhadas as notas. Sem essas linhas, que indicam os compassos, nenhum musico poderia executar a composição, nenhum a comprehenderia. O verso obedece, em geral, a estes mesmos principios: cada verso é um compasso, differindo apenas dos musicaes em que póde comportar um maior numero de notas. Esse numero é, comtudo, limitado, e não póde exceder a doze sons, porque até ao duodecimo ainda chega a ondulação rythmica produzida pela vibração da primeira nota, e cessa depois, sendo necessario reno-

val-a. Ultrapassado aquelle limite, como ultimamente o têm ultrapassado, a capricho, alguns poetas nossos e estrangeiros, o verso é prosa, como uma musica sem compasso é charivari. No verso é, pois, necessaria uma medida regular, subordinada á unidade de tempo.

Mas, além d'isso, e ainda mais do que isso, é necessario o rythmo. Que deverá entender-se por esta palavra?

Disse eu, comparando, que um verso era um compasso musical: o rythmo é o compasso do verso: é o seu movimento cadenciado, a sua ondulação regular, a sua marcha harmoniosa. Na natureza todo o movimento é rythmico: o nosso planeta move-se no espaço, não como uma bola de marfim n'um taboleiro de bilhar, mas como um barco n'um mar tranquillo.. Na sombra da terra, desenhada no disco da lua, por occasião de um eclipse, eu mesmo vi esse movimento cadenciado. Na voz e no canto de todos os animaes, no

seu andar, nas vibrações produzidas pelo vento, na ondulação das aguas, na voz das florestas açoitadas pela tempestade, nas proprias tempestades, em tudo em fim em que ha movimento, ha harmonia e cadencia, ha rythmo.

Até aqui, não tenho feito citações algumas, por entender que não seria modesto citar-me a mim mesmo; com referencia, porém, ás ideas geraes que expuz, relativas ao rythmo, farei uma excepção, e nomearei Tindal, como um dos escriptores que abundam nessas mesmas ideas.

No verso, o rythmo consiste em ondulações parciaes, fixadas, regularmente, pela vibração de uma nota mais accentuada, partindo da qual se inicia um novo movimento vibratorio. Entre os romanos, essa nota era sempre fixada na ultima syllaba de cada um dos pés em que o verso era dividido. Chega a não comprehender-se o trabalho artistico que deveria ter, por exemplo, Vir-

gilio em combinar os vocabulos de todo o seu maravilhoso poema a *Eneida* em ordem a ser todo elle composto em pés dactylos e espondeos!

Entre nós, só nos versos de nove ou mais notas: gregorianos, decassylabos, (heroicos ou saphicos) de arte maior e alexandrinos é que a harmonia exige, fixada nas mesmas notas, aquella ondulação rythmica.

Como isto não é um tratado de versificação, abster-me-ei de dizer quaes são essas notas.

Nos outros versos ha tambem a mesma ondulação vibratoria, mas variavel de verso para verso, isto é, sem regularidade quanto ás notas em que deva fixar-se.

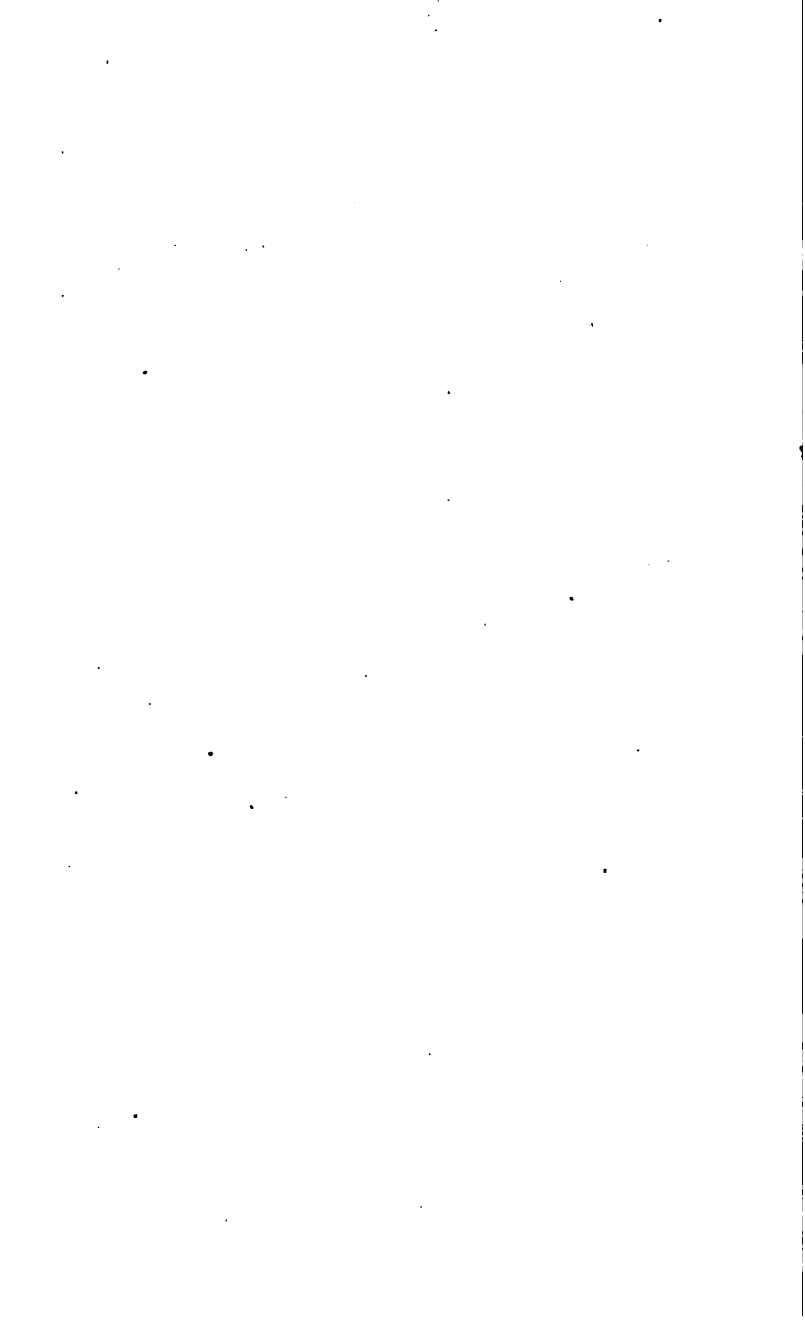
A estructura mechanica do verso, porém, não exige só isto: exige que o conjuncto de sons que o constituem esteja em completa harmonia com o conjuncto de ideas que formam o pensamento. É este o trabalho mais complexo e mais difficultoso do artista. Os diversos vocabulos devem ser combinados de modo que o som que

produzam, abstraido das ideas que elles contêm, formem um pensamento musical que se coadune com o d'essas ideas. Só d'esse modo poderá haver no verso intima união entre a harmonia e a melodia, isto é, arte. A rima, que é um valioso elemento do verso, deve subordinar-se a estes principios.

São estas, em geral, as minhas ideas sobre o assumpto. A definição que dei da poesia: revelação harmoniosa do pensamento, parece-me justificada, bem como me parece justificado, pelo confronto da formação quasi inconsciente e mechanica da idea, e o laborioso trabalho de lhe dar fórma externa, que esta, no mundo da arte, tem um valor incomparavelmente superior ao d'aquella, que, nesse mundo especial, não representa mais que a materia prima sobre que o artista exerce as suas aptidões intellectuaes: o valor de uma esculptura não está na materia de que é feita: marmore ou granito, bronze ou ferro, gesso ou barro: está na mão d'obra:

na fórma correcta, na belleza de linhas que o estatuario lhe conseguiú dar.

Aquelle, porém, que conseguir unir uma bella idea a uma fórma absolutamente correcta, deverá ser contado entre o numero dos grandes artistas do seu tempo: *inter divos.*

Nos insignificantes versos que vão ler-se (não fallo dos da minha infancia artistica) esforcei-me por ir pondo em pratica os principios que deixo expostos: ignoro, porém, se o consegui. Em todo o caso esses versos são feitos á minha imagem e semelhança, e, tendo observado que eu era, como todo o homem, um animal que ri e chora, entendi que devia revelar-me debaixo d'esses dous aspectos,—sem me rir á gargalhada, por ser cousa de mau gôsto, e sem chorar como um recemnascido, por ser uma cousa feia, que faz mal aos nervos.

I

A MUSA QUE RI

O ULTIMO BOHEMIO

Bella dama do mirante,
De traz d'essas galantinas,
Ouve a musica vibrante
Das minhas canções divinas!

Escuta. De taça erguida,
Sempre em odio de tristuras,
Os dias passei da vida
Em ruidosas aventuras.

Era a vida incerta e varia,
D'um alegre vagabundo,
Alma livre e refractaria
Ás cousas sérias do mundo.

Assentado numa dorna
Que de throno me servia,
Com voz de malho em bigorna,
Estas palavras dizia:

« Contra tristezas guitarra,
Que os sonhos maus nos desterra;
Contra amor sumo de parra,
Que amor as almas aferra.

« Amae faceis galatêas
Que vos deixem vêr as ligas,
Sempre alegres nas choreas,
Amorosas, sem fadigas.

« Amae, pois, mas com prudencia,
E, quanto á botelha, á larga:
Digo-o eu, e dil-o a sciencia
Que adoça esta vida amarga! »

Com voz de malho em bigorna
Era assim que eu me exprimia,
Assentado numa dorna,
Que de throno me servia.

Mas, oh castigo dos fados!
Eu que sempre e sempre rira
Das chammas dos namorados,
Vi-me a arder na mesma pyra!

E por quem? Meu Deus, por uma
Figurinha de boneca,
Mas d'aquellas taes que em suma
Só de as vêr um santo pecca.

Era uma estampa correcta
Do typo andaluz, de raça;
Uma esculptura completa,
Mas cheia de vida e graça.

Usava sempre mantilha,
Com rendas, de terciopêllo;
Fita em volta á panturrilha,
Rosa branca no cabello.

Disse-me um dia Sagasta:
« Por esta linda muchacha,
Dava tudo, dava a pasta,
Dava a penna que despacha! »

Mas, Campoamor disse mais:
« Quando a vejo fico mudo,
E por um só dos seus ais
Dava a honra, a lyra e tudo! »

Conta-se até, mas a mêdo,
(Veja-se bem que não berro)
Que foi amada em segredo
Pelo Tudesco de Ferro.

« Por um beijo nessa trança,
Disse elle um dia á pequena,
Se o pedisses dava á França
Além da Alsacia a Lorena ! »

E só a mim me queria !
Oh ! quantas vezes lhe ouvi,
Palpitante de alegria :
« Mi muero d'amor por ti ! »

Comtudo vêde ao que desce
Um rendido Lovelace :
Se ella um dia me dissesse
Que as botinhas lhe engraxasse,

Com que ardente enthusiasmo
Lh'as engraxara, com geito,
Queimando o livro d'Erasmo
Nas crateras do meu peito!

Engraxar-lh'as, que ventura!
Mas, com quê? Com tintas novas,
Com a graxa ideal e pura
Com que escrevo as minhas trovas!

Mas, oh dor! um dia a bella
Quiz dobrar o grande cabo,
Quiz vêr mundo e deu á vela
Nas esteiras d'um nababo.

Tentei seguil-a na pista
(Porque eu bato nas mulheres)
Mas sumiu-se-me da vista,
A desfolhar malmequeres.

Que pena aquella! Inda agora,
Se me lembro da perjura,
Sinto n'alma, como outr'ora
Uma dor que me tortura.

Quiz morrer, naquella edade!
Quiz, repleto de mysterio,
Tomar ordens, ser abbade,
Ir morrer num presbyterio!

Mas, depois, veio a revolta:
Abri-me inteiro á vingança,
Á que mata, e que não volta
Contra si a propria lança.

Quiz vingar-me em todas quantas
No meu caminho encontrava,
Demonios vivos ou santas,
Do golpe que em mim sangrava.

O que então fiz, se o contasse
Em phrase triste ou risonha,
Bella dama, a vossa face
Córaria de vergonha!

Só direi que a minha lista,
E digo-o porque é notorio,
Deixava a perder de vista
A do perfido Tenorio!

Foi isto em tempos ditosos;
Agora, sol entre a bruma,
Ás Elviras mais formosas
Prefiro a taça que espuma.

Porque, por fim, veio o tedio,
O mal atroz e damninho,
Que depois de curto assedio
Me prostrou no meu caminho.

E de certo morreria,
Se não lêsse na Escriptura
Que Baccho, o deus da alegria,
Era um pae que salva e cura.

Bella dama do mirante
De traz d'essas galantinas,
Ouviste a nota vibrante
Das minhas canções divinas!

SERMÃO NA MONTANHA

Frei Bernardo, de pé sobre uma dorna,
Empina o cangirão, que o desafia,
E sobre o povo, que o admira, entorna
O mar enorme da oratoria pia.

Prega, sinistro: textos mil aponta;
A aos abysmos descendo do profundo,
Agarra Belzebuth, por uma ponta,
E com elle verbera o dorso ao mundo.

Chega á peroração, que o povo chora:
Vem ao throno buscal-o a confraria;
Lança a benção final, e, sem demora
Empina o cangirão que o desafia.

O POETA E A NOIVA

—

ANTES

E DISSE o poeta á noiva: — « É pois bem certo
Que vaes ser hoje de um rival jocundo!
Seja, para elle, a vida um ceu aberto,
E sombra, para mim, a luz do mundo!

« Se eu hoje não morrer de ciume e zelos,
E resistir aos vendavaes contrarios,
Tu verás ámanhã estes cabellos
Brancos, da côr dos funebres sudarios! »

DEPOIS

E disse ao bardo triste a espôsa rindo:
« — Que vejo! escuros inda? E em meus anceios
Por elles eu chorei um pranto infindo! »
Volve-lhe o trovador: — « Mulher, pintei-os. »

EPICURISMO

(Num album)

Ao demonio da ambição
Não dês entrada no peito;
Não sejas juiz eleito
Inda que o peça a nação;
Se da guerra a convulsão
A tua espada requer,
Suba ao poder quem quizer,
Faz pé atraz renitente,
Que o prazer está sómente
«No bom vinho e na mulher.»

Não queiras sceptros de reis,
Nem os pantufos de papa:
Deixa os imperios no mappa;
Não te mettas a dar leis.
No mundo os grandes papeis
Só trazem morte ou desgraça:
Emprega o tempo na caça
Das Venus de facil prêsa,
E nas delicias da mesa
Onde espuma a rubra taça.

Goze um em ser deputado,
Ou ministro, ou regedor,
Aquelle em ser trovador
Ou general celebrado:
Mostra-te mais avisado,
Do vinho, do amor só cura:
« A vida só brilha e dura
Como a luz do pyrilampo:
Do prazer o estreito campo
Não transponhas com loucura.»

DESESPERANÇA

O FÉRREO pulso de um Alcides grego
Não conseguira amarrotar-te as saias,
Que as teceste de chumbo, e taes alfaias
Quebram forças ao joven mais ardêgo.

Vive os dias em paz, dorme em socego;
Não tens ingresso nas cythéreas praias:
Tolhem-te o accesso intransitaveis raias,
Recifes de presunto de Lamego.

Agora, como sombra, vivo e sou!
Nem este labio sorrirá jamais,
Que tudo vejo escuro e á campa vou.

Só te peço que em paga de meus ais,
Em memoria d'aquelle que te amou,
Comas, quando eu morrer, um paio a mais.

ARRABIL MODERNO

AQUELLE tristonho vate
Adora a bella Rosina.
Ri-se a bella do rapaz,
Ri-se o rapaz da menina.

Mas, ri-se, como quem chora,
O bardo das scenas varias,
Qual ri o mocho sombrio
Sobre as loisas funerarias.

Á noite na adega esconsa,
De uns candis á luz escassa,
Quantas vezes não procura
O esquecimento na taça!

Vejo-o ás vezes solitario,
As cômas soltas ao vento,
Entranhado nas tristezas
D'um secreto pensamento.

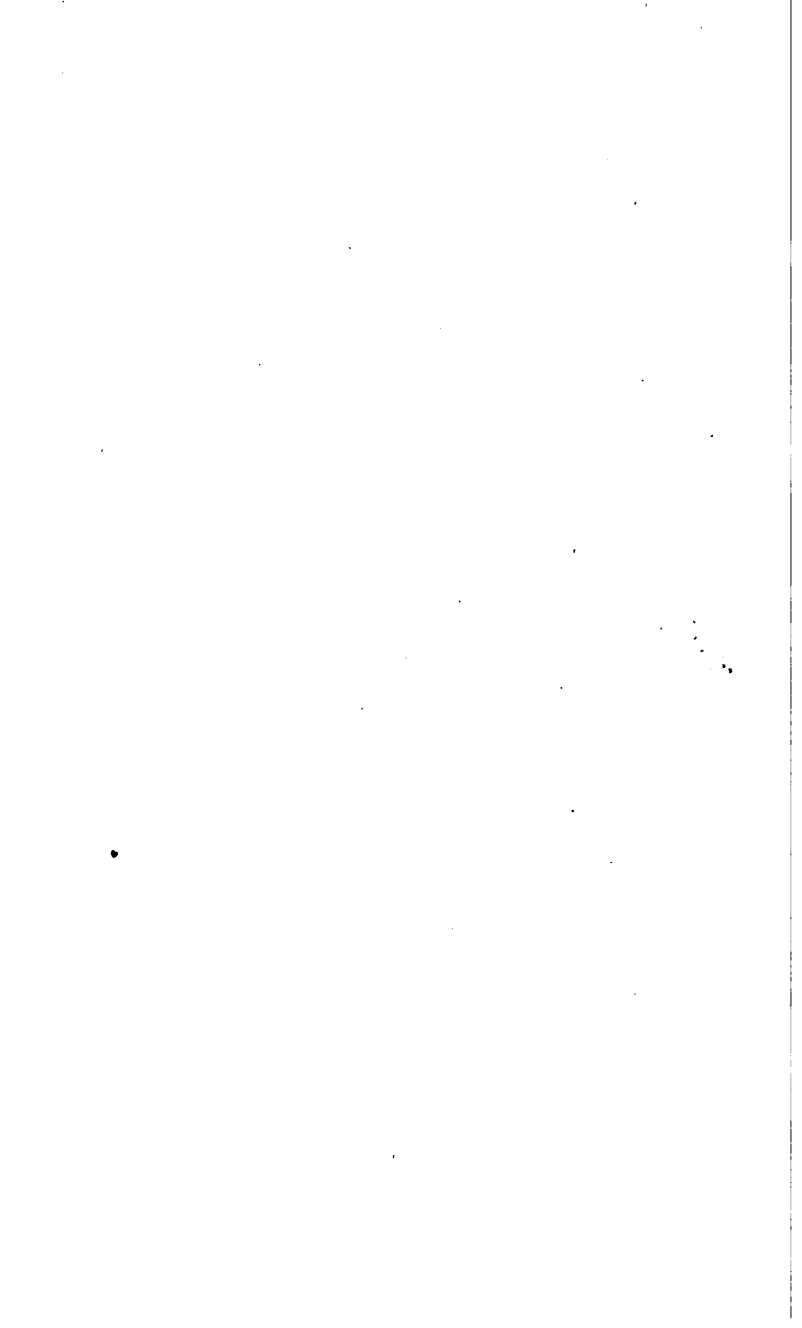
E naquella soledade
Solta fallas doloridas,
Como as das almas penadas
Entre ossadas carcomidas.

Mas nas salas, na cidade,
Quando o sol tudo illumina,
Ri-se a bella do rapaz,
Ri-se o rapaz da menina.

Quem se não chora da pena
Do triste que a dor acurva!
Foi como um lyrio esfolhado
Em noite de sombras, turva!

Que funesto desenlace
Se não prevê no futuro!
Talvez um crime sangrento,
Um drama tremendo, escuro!

Que já li sobre uma lage,
Occulta numas cavernas,
Este sinistro epitaphio
Do phantasma das tabernas:

« Aqui jaz o bardo triste
Junto da bella Rosina:
Riu-se a bella do rapaz,
Riu-se o rapaz da menina. »

A VALSA

Se me lembro da valsa extravagante
Que nos uniu, Cecilia, a vez primeira!
Como olvidar a causa passageira
D'uma quadra fèliz, já bem distante!

Mal do piano rompera o som vibrante,
Apressado corri junto á cadeira
Onde, em meio das outras, prasenteira,
Me provocava o teu sorrir galante.

E do quadro seguindo a antiga escala,
Retezado voei comtigo á roda,
Causando assombros na esplendente sala.

Por fim, cahi exhausto e pouco á moda,
Mudada a côr, enfraquecida a falla.
—«Quer chá?—Quer Porto?—Diz um leão: quer soda!»

A AVENTURA

(A José Simões Dias)

Era um rapaz estouvado,
Sempre alegre e folgasão,
Soberbo a cantar o fado
Ao som triste d'um violão.

Trazia, em contrario ao uso,
A côma, em ondas, esparsa,
No desalinho confuso
D'um velho estroina de farça.

Magro o rosto, mas correcto
E de curvas delicadas,
Fora um principe completo
No tempo antigo, das fadas.

Nenhuma dama que o visse,
Vivo o olhar, alegre a face,
Que de amor lhe não sorrisse,
Se elle a amor a provocasse.

Numa orgia é que era vêl-o
Em sua expansão ruidosa,
Revôlto o negro cabello,
Em cada face uma rosa.

E se uma canção dizia,
Acompanhado á guitarra,
Em toda a sala explodia
Uma jocunda algazarra.

Diziam: « No mar, errante,
Navega com vento á ré:
Não ha homem que o supplante,
Mulher que lhe finque o pé! »

Certa noite, em fins de orgia,
Em que bebeu com bravura,
Contou-nos, com voz sombria,
Esta insólita aventura:

« Uma tarde, em Saragoça,
Vi debruçada á janella,
Uma senhora inda moça,
Tão galante, como bella.

Desde logo apaixonado
A requestei persistente;
Mas, era um pômo vedado,
Que resistia á serpente.

Desenganou-me, escrevendo:
« Senhor, não persiga mais
« Quem neste carcere horrendo
« Não póde ouvir os seus ais.

« Não quero nada do mundo,
« Que nos ceus meus olhos puz;
« Quero ser, ideal jocundo!
« Casta esposa de Jesus.

« Odeio paixões insanas,
« E é bem sincera que fallo:
« Procure jovens mundanas,
« Que eu por mim não posso amal-o.»

Fiz quanto no mundo havia
Por demovêl-a do intento,
Em que sempre persistia,
De ser monja num convento.

Por uma escada de corda,
Subi-lhe á varanda, mudo;
Mas, repelliu-me da borda,
Dando-me um beijo, comtudo.

Com voz doce, embora falsa,
Por vencer-lhe a pertinacia,
Cantei-lhe uma noite a valsa
Do *Caballero de Grácia.*

Sobretudo, o som mavioso,
Que aggreguei, d'um piferario,
Dava ao meu canto choroso
Um realce extraordinario.

Bem senti que a commovera,
Porque, embora grave e fria,
Me lançou, branca de cera,
A rosa, que em si trazia.

Escrevi-lhe: « Anjo adorado,
Oh cara linda, meu bem!
Tem pena do meu cuidado,
Tem pena de ti tambem.

« Pois essa casta elegancia,
Essa flor de formosura,
Ha-de murchar, sem fragrancia,
Nas sombras d'uma clausura!

« Não, oh! não; que fôra um crime
Contra as leis da natureza:
Vem, amor, e me redime
D'esta profunda tristeza.

« Vem a mim, ao meu soccorro,
Nesta horrivel anciedade,
Que se tomas véo ou morro,
Ou me faço tambem frade! »

Foi tudo baldado: escrava
Das suas ideas falsas,
Passado um mez professava
Nas Carmelitas descalças.

Nas descalças, porque tinha
Um pé delicado e breve,
Um pé, de vêr sem botinha,
Nú, mais branco do que a neve.

Lembrei-me propôr um jogo
A Satanaz, como se usa:
Dar-lhe a minh'alma de fogo
Contra a posse da reclusa.

Evoquei-o do profundo,
Ao pé d'um cano d'esgôto
E vi-o surgir, immundo,
Mal vestido, magro, e rôto.

Fiz-lhe a proposta, bem clara:
—«Acceitas, ou não?» — «Por Christo,
(Me respondeu) que acceitára,
«Mas, sou franco: eu não existo!»

Succumbindo a tantos males,
Comparei-me a Claudio Fróllo,
E fui por montes e valles,
De guitarra ao tiracollo,

Gôrra negra sobre a orelha,
Procurar na vida airada,
E na divina botelha,
Paz a esta alma torturada.

De repente, volto á Hespanha
D'onde ha muito me partira,
Que uma idea, nova e estranha
Pouco a pouco em mim surgira.

Bato á porta do convento:
— « Dizei á Madre abbadessa,
Que um monge, velho e poento,
A procura, e lhe appareça;

« Porque traz missão secreta
De lhe dizer, em segredo,
Os preceitos que decreta
O arcebispo de Toledo! »

Que minuto aquelle, immenso!
Por fim, conduzem-me á cella,
E... fico mudo e suspenso
Ao vêr-me, só, ao pé d'ella!

Mas, êrgo os olhos: Jesus!
Como ella estava galante
Com os seus pésinhos nus
Em sandalias do Levante!

A luta foi de momento,
E num silencio completo;
Mas, por honra do convento,
Não quero ser indiscreto.»

Este conto do bohemio,
Dito em França, com certeza,
Lhe valera um grande premio
Da Academia franceza.

FORÇA DO AMOR

(DE LOPE DE VEGA)

PEDE-ME Ignez carvão, pois a creada
Fugira-lhe, amorosa do lacaio
Meio francez, entre vermelho e baio,
Do cavalleiro da Flammante Espada.

Se me pedisse lume, da inflammada
Troia d'est'alma lhe emprestára um raio:
Mas carvão! Santo Deus, sinto um desmaio
De atravessar de giga essa calçada!

Mas se ella te pedisse, oh desgraçado,
Que assar com elle? Acabrunhante idea!
Perdoa-me, sotaina, o passo ousado!

Ai! tudo amor desculpa e aformosêa:
Por elle Alcides pôz a roca ao lado,
E Jupiter as saias de Phebêa.

VERSOS Á CARMEN

PERCORRI a Hespanha inteira,
A terra das castanholas:
Fui de fronteira a fronteira
Para vêr as hespanholas.

Vi Pampelona em Navarra,
Cadiz, Toledo e Sevilha:
Na mão levava a guitarra,
Nos labios a cigarrilha.

Numa praça de Granada,
Terra dos loucos amores,
Levei uma navalhada,
Por uns olhos tentadores.

Andei por sobre telhados,
Andei por canos d'esgôto:
Vi-me em lances arriscados,
Sem dinheiro, magro e rôto.

Uma vez, o caso espanta,
No paço real, sem mêdo,
Dei um beijo numa Infanta,
Que jurou guardar segredo.

Pelo cravo, que uma bella,
Trouxera um dia no seio
E que um « majo » de viella
Me roubára, assassinei-o!

Outra vez, louco e borracho
Por um só dos seus olhares,
Lancei-me da ponte abaixo
Ás aguas do Manzanares.

Mas nem morri afogado,
Nem me acabaram as maguas,
Que o Manzanares, coitado,
Tem ponte, mas não tem aguas.

Um alcaide de Antequera,
O velho D. Payo Ordonho,
Tinha uma esposa, a qual era
Mais formosa do que um sonho.

Mandou-me chamar, e disse:
— « Que vês além ? » — « Vejo a lua. »
— « Por ella juro que Alice
Se a libertas, será tua :

« Prêsa, em terras de Aragão,
Num castello abandonado,
Guarda-a, feroz, um dragão,
De colmilho ensanguentado. »

Parti, repleto de orgulho,
E preparando o combate,
Puz na funda um pedregulho
De versos d'um certo vate.

Vibro-o atravez dos espaços,
E prostro, vencida, a fera;
Tomo Alice nos meus braços,
E assim entro em Antequera.

Levo-a a D. Payo, que disse:
— « Que vês além? » — « Vejo a lua. »
— « Por ella jurei: Alice
Era minha, agora é tua. »

Foi um tempo de folias;
Mas, vendo-o emfim contristado,
Levei-lh'a passados dias,
Levei-lh'a outra vez, coitado!

Um dia, o duque d'Ossuna,
Fidalgo de nascimento,
Mas já pobre e sem fortuna,
Deu-me a filha em casamento.

Mas, por questões de capricho,
Quasi nunca de alto bôrdo,
Lancei-a ás fauces d'um bicho,
E o bicho ficou mais gôrdo!

Em noite de lua cheia,
Mettido num calaboiço,
Sinto uma voz de sereia,
Que me pergunta:—«Ouves?»—«Oiço.»

E logo ao som caprichoso
D'um plangente bandolim,
Escuto, cheio de gôzo,
Essa voz, que diz assim:

O beijo que tu me deste
Em meu labio côr de rosa,
Foi orvalho em planta agreste,
Gota em urze sequiosa:

Fez brotar dentro em minh'alma
Um profundo e louco affecto;
Ai! perdi socego e calma:
Vem, oh vem, anjo dilecto!»

Era a Infanta, a virgem pura,
Que impetrara o meu perdão.
Depois, o fim da aventura...
Não a contes, D. João!

Tenorio d'alto cothurno,
Quantas victimas não fiz!
Diga o meu violão nocturno,
O que o meu labio não diz!

Mortandade que contrista!
A seducção por capricho!
Até se encontra na lista
Uma dama de rabicho!

Fiz loucuras, mil proezas,
Nos sitios que percorria;
Mas entre tantas bellezas
que por toda a parte via,

Não vi outra mais bonita,
Mais delicada e bem feita
Do que a bella Carmensita,
Que meus suspiros regeita.

O DESENLACE

Deitado sob um querco centenario,
Quando o sol resplandece na campina,
Quem me dera, formosa Colombina,
« Alzarte un giorno il cándido sipario.»

E vendo tudo em roda solitario,
Abandonar-me a commoção divina
Que os sentidos, em fogo, nos domina,
Mais perfeita que um sonho imaginario !

Mas, Tántalo moderno, em vão cobiço
O que o destino ao desgraçado nega,
E neste anceio o meu desejo atiço!

Oh! não resisto mais á paixão cega:
Vou, sob o influxo do cruel feitiço,
Enforcar-me nas traves de uma adega!

POR UM... DE VIGO

Oh Marte de saias,
Terrivel hyena!
Tu vibras zagaias,
E feres sem pena!

No campo da lide,
Que prelios brilhantes!
Qual outro David
Vencêras gigantes!

Venceste inda ha pouco
Um tigre de Java:
Olhou-te, que louco!
És fera mais brava!

Cravaste-lhe o dardo
Com gesto lascivo,
Venceste o javardo,
Mataste o captivo!

És digna, oh bella,
D'um tal inimigo:
Venceste Castella
Num dandy... de Vigo,

No homem do tom
Das plagas visinhas;
No célebre Dom
João... de las Vinhas!

GUERRA!

CHAMAM-TE vate de pia
E não repelles o ultrage!
Não podes ser um Bocage
Que nem ao frade temia,

Mas, não te falta energia:
Levanta a fronte, reage!
Sepulta-os sob uma lage
De versos, que eu não faria.

A mim, essa turba fátua
(Que La Fontaine nos pinta)
Se um dia me toca, achato-a!

Repelle-a, em prosa distincta,
Que inda has-de ter uma estátua
Em Freixo d'Espada-á-Cinta!

O NABABO

(A ALBERTO DE MADUREIRA)

Eu nunca te vi, nababo!
Mas, não obstante, creio
Que não podes ser tão feio
Como a lenda pinta ao diabo!

Como sou justo, não gabo
O constante tiroteio
Com que muitos, em torneio,
Te vibram péllas ao rabo.

Teve a Flandres um bom parto!
Vives com fausto e riqueza:
O ventre trazel-o farto;

És um homem, com certeza:
Vaes-te rindo á Henrique Quarto,
E tens-lhes a barba teza!

SONHO E REALIDADE

Sou bacharel e de raça
Jurisconsulto distincto,
E, como vate, o Filinto
Na Arcadia meu nome traça.

Como um grego, empunho a taça,
Não dos vinhos de Corintho,
Mas d'aquelle velho tinto
Que tristezas despedaça.

Moça, ou dama de excellencia,
Não me resiste nenhuma
Mais que um dia, por decencia.

Mas . . . páro aqui, porque em summa
Tudo é sonho na existencia :
Comemos palha, que fuma !

EU E ELLE

SINTO-ME cheio de orgulho
Pelo amor que te inspirei;
Mas impuz-me a santa lei,
E já comprei estadulho,
De quebrar, vencendo o engulho
Que tal scena em mim produz,
A carcassa do lapuz,
Que tão rico, como estupido,
Ousou deitar ôlho cúpido,
Sobre os teus encantos nus.

Mas, quem sabe se, talvez,
Vencida pela riqueza,
Toda em vivo ardor accêsa,
Amas o porco-montez?
Diz a verdade uma vez,
Mostra o que sentes no peito,
Que te perdes no conceito
De um trovador de espavento,
Se occultas o pensamento
Com mentiras no tregeito.

Eu vou esboçar na tela
O retrato de nós dois.
Sopesa nas mãos depois
Qual mais vale; mas, cautella!
Que não vá a tua estrella
Cobrir-se de negro veu!
Não julgues tu que é no ceu
Que se talha o casamento...
Mas, perdão! chega o jumento,
Tiro humilde o meu chapeu.

Eil-o que chega. No gesto
A todos mostra, se passa,
Como através de vidraça,
Dos milhões o manifesto.
Mas, inda assim, é modesto,
E grave sobremaneira,
Pois descendo da estribeira
Do coche rico, de gala,
Até no meio da sala,
Faz o rol da cozinheira.

Nas praças o caminhante
Pára attónito e pasmado
Ao vêr do nedio cevado
A grande côma ondulante,
Que nos altos do semblante
Parece um mar em borrasca.
A pelle, ou antes a casca
Que a tosca ossada lhe cobre,
É da côr do velho cobre
Do costado d'uma rasca.

O labio, erguido, parèce
Querer beijar-lhe o nariz
Que dos grandes alcantis
Este carinho agradece.
Mas, basta! que a mão não desce
A pintar-lhe o corpo rombo,
Pois temo que, ao ir-lhe ao lombo,
Perca o meu pincel na banha,
E mostrando obra tacanha
Leve a minha fama tombo.

Tu, anjo, sabes quem sou,
Sabes a vida, que levo,
De quem não vae a longévo,
Triste ás vezes como um grou;
Ou então contente vou,
Empunhando enorme taça,
Nunca de vinhos escassa,
A rir-me alegre de tudo,
Achando dias de entrudo,
Dias que são de desgraça.

O monóculo, a doçura
Ao ôlho um pouco destróe;
Por isso, do rôsto sóe
Mudar a doce candura,
E d'este modo a figura
Causa medo algumas vezes;
Mas, qual panno de francezes,
É tudo mera illusão,
Pois que sou, em conclusão,
O mais puro dos burguezes.

O cabello ergue-se á tôa
Sobre a fronte pensativa,
E dá expressão mui viva
Á face, magra, mas boa.
Emfim, quando o labio entôa
Cantigas de certa graça,
Ouço na sala e na praça,
A turba que diz constante:
« Ai! que rapaz tão galante!
« Ai! que joven tão louraça! »

Aqui tens, filha, o retrato
Do teu par enamorado,
Que bem mostra ser pintado
Por bórra-tintas novato.
Agora um voto sensato
Resolva a grande questão:
Elle, dá-te carroção,
Cachemiras e presunto;
Eu, resumindo o assumpto,
Uma choça e o coração.

II

TANCREDO

TANCREDO

I

O sócco d'um eterno monumento
Vou erguer no Helicónio sonoroso,
Salvando de lethal esquecimento
Um heroe singular e portentoso.
É de grande pujança o meu intento,
Pois se um pulso não tenho vigoroso,
Talvez ao pôr na base a estatua erguida
Sobre mim cáia e me soterre em vida.

Nasceu Tancredo Pires na cidade
Que ostenta por brazão a tripa vil,
Ao som da estrepitosa hilaridade
Da gente que lhe vira o corpanzil.
Mudou-se, porém, logo em anciedade
O gesto e o riso á turba mulheril:
Soltára o monstro um berro de tal guisa
Que a todos causa horror e atemoriza.

Parou, ouvindo o som desconhecido,
A gente que na rua caminhava.
Um dizia, num grupo, ser grunhido
De porco que ali perto se matava;
Outro, além, que talvez fosse estampido
De tormenta que ao longe se formava;
E foi de modo conturbada a paz
Que da ronda chegou o troço audaz.

Entrou na casa a força, denodada,
Mas logo recuou espavorida,
Julgando vêr a besta tão fallada
Que tem de apparecer no fim da vida.
A cousa que julgou mais acertada
Foi ser a autoridade prevenida.
O abôrto no entretanto dava urros,
Que illudiam ao longe uns tristes burros.

Entrou azafamado o regedor,
Que d'est'arte fallou á turba attenta:
« Eu julgo que é castigo do Senhor
Aquillo que ali vêdes, agua benta!
Porém, venha depressa um professor
O phenomeno vêr que se apresenta. »
E dizendo, expelliu tão grande arrôto
Que pôz todo o auditorio em alvorôto.

Estudára o doutor philosophia
Nos livros da Allemanha com proveito,
E portanto deu logo á luz do dia
Um discurso de polpa e de conceito,
Com que a todos provou com energia
Que tinha para o vago muito geito.
Julgaram, porém, vêr da conclusão
Que a alimária teria alma e razão.

O pae, ha pouco ainda acabrunhado,
Leva a nova feliz a toda a gente,
E manda ser o dia celebrado
Por toda a vizinhança alegremente.
Sobe ao ar o foguete festejado,
Retumba o bombo altivo em furia ardente,
« E as mães que o som terribil escuitaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.»

II

Quizera um estro grande e sublimado
Para vencer a temeraria empresa
Que tentei, sem ter antes calculado
Do meu ingenho a natural pobreza;
Mas seria de todos reprovado
Mostrando neste empenho vil fraqueza:
Oh musa, afina agora o rude plectro,
Ensina-me a tecer um novo metro!

Foi crescendo Tancredo em fealdade
Como em annos crescia e malvadez;
Foi de balde o trabalho d'um bom frade
Em vencer-lhe a supina estupidez;
Dizia o padre-mestre, com verdade,
Que não vira cabeça mais soez.
Era cousa de medo e de receio
O vêr aquelle burro assim, sem freio.

Eis ajunta os parentes num congresso
O pae atoleimado do rapaz,
E pede em nome seu e do progresso
Que digam qual carreira, nobre e audaz,
Ao filho mais convém, filho sem preço,
Futura luz da patria, luz de gaz.
Escuta-o o ajuntamento estupefacto
E adormece, a roncar, sobre este facto.

Estavam embebidos ha tres horas
No meditar profundo, somnolentos,
Querendo pôr, em vão, rijas escoras
Das cabeças aos varios movimentos,
Quando, como excitados por esporas,
Um barulho infernal os pôz attentos:
Era o cérdo que entrava, como bola,
Trazendo a turba pifia, atraz, na colla.

Era grande o berreiro: toda a gente
Vinha pedir, em brados, o castigo
Do brôma, que na furia insana e ardente
Não poupava janella, nem postigo;
Que não houve rapaz mais insolente
Nem no tempo moderno, nem no antigo.
O pae pôz tudo fóra sem tardança,
Com gestos senhoris, gestos de França.

Depois, com voz que sôa como estoiros,
Assim fallou aos seus, embasbacados:
« Esta cidade, escárneo de vindoiros,
Não merece meu filho. Grandes fados
De Coimbra o chamam aos virentes loiros;
Que parta, pois, e nós somos vingados! »
Durou inda hora e meia a lenga-lenga
Em phrase sem sabor e bordalenga.

Ao saber-se esta nova jubilosa
Percorre a urbe alegre o povo em massa,
Na rua estoira a bomba estrepitosa;
Põe bugias a moça na vidraça.
Parece, ao vêr-se festa tão ruidosa,
Que a cidade evitára uma desgraça.
Entanto, o meu heroe, de esporas dando
Vae as terras da Beira demandando.

III

Viu Coimbra entrar nos muros derrocados
Tancredo, cavalgando um burro ardêgo,
Que mostrava nos passos agitados
A vergonha que tinha d'esse emprego.
Espantaram-se, ao vêl-o, os verdes prados,
Espantaram-se as aguas do Mondego;
Mas, como vagalume que mal brilha,
Sumiu-se num collegio o bigorrilha.

Nas horas de avantesmas e pavores
Quando gemem as aves agoureiras,
Nas horas de vigilias e pallores,
De susto, de tripudio e feiticeiras,
Entrava nos esconsos corredores
Um espectro, descido das trapeiras,
E logo retumbava nos recantos
Um concerto de couces e de prantos.

Andava o director espavorido
Com o caso medonho e de espavento;
O ventre já lhe tinha emmagrecido,
Trazia o rosto cavo e macilento.
Um padre, sobre o assumpto muito lido,
Solemne exorcismou todo o convento.
Comtudo foram vãs as roncas pias,
Perderam seu remedio as sacristias.

Certo dia, porém, o dispenseiro
Viu na adega estendido um vulto ingente,
E, despegando em pávido berreiro,
Fez vir a grandes passos toda a gente.
Enorme foi o assombro e verdadeiro
Ao vêr-se o quadro feio e repellente:
O phantasma sinistro e de mau ôlho
Estava a cozer vinho ali, no sôlho.

Descoberto o autor do ruim bruxedo
(Quem nelle o meu heroe não presentiu?)
O bom viver antigo, suave e quêdo,
No collegio, outra vez, prestes surgiu.
Até o director, perdido o medo,
Os redenhos e o bojo crescer viu.
O trasgo, posto fóra, a grandes sôccos,
Recebeu-os a rir, porém deu trocos.

Tres dias divagou pela cidade
Sendo a mira das chufas dos garotos:
Queria a previdente autoridade
Prendel-o como causa de alvorôtos.
Quer, porém, a Divina Potestade
Soccôrro e amparo ser té de marotos:
Achára o burro um primo numa praça,
Que á familia o levou, mas por chalaça.

A mãe, mulher de tino sobretudo,
Que via as caras filhas por casar,
E conhecia o peso do lanzudo,
Recebeu-o com riso de encantar.
Ficou o tolo em pasmo, quêdo e mudo,
Julgando-se illudido ou a sonhar.
Cupído, que esta scena contemplava,
No carcaz setta enorme procurava.

IV

Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,
Eleva-me á bicípite collina;
Na Castalia o meu canto enrouquecido
E a cithara que bronca desafina
Talvez alcance um tom brando e subido
Com que os feitos celébre de Erecina:
Mas, certas vezes prendes azas d'Icaro,
E receio, para mim, desfecho picaro.

A mãe, D. Violante de Quevedo,
Fallou assim á filha mais gentil:
« Cecilia, eu sou já velha e tenho medo
De deixar-te do mundo aos laços mil:
O bolo carniceiro, ou tarde ou cedo,
O cordeiro devora no redil:
Já te escolhi Tancredo por marido
Que um amor lhe inspiraste desabrido.»

Cecilia, guapa moça donairosa,
Que dado tinha a outro o coração,
Ao ouvir esta arenga ponderosa,
Julgou morrer de susto e de affliççāo.
Á noite, o caso triste, lacrimosa,
Contou ao féro amante, que no chão
Batendo com o pé, e erguendo a fronte,
Defendel-a jurou do mastodonte.

Passou-se um mez. Tancredo furioso
Pelos desdens altivos da donzella,
Da vingança no gôlfo procelloso
Vogava, dando ao vento a panda vela;
Quando, ouvindo um «adoro-te» amoroso,
Da menina, que estava na janella,
A passos de abestruz desceu á rua,
Meditando uma scena horrenda e crua.

Enlevados nos extasis d'amor,
Não viram os dous pombos o lapuz,
Que abusando das trevas, com furor
O joven atacou sem dizer buz.
O pobre, atordoado, já sem côr,
Da vida por perdida tinha a luz,
Quando um grito da bella, como espóra,
Ao pendido valor lhe pôz escora.

Tal como o tigre ataca o touro errante
E nos lombos lhe crava as garras duras,
Tal o moço gentil, á voz d' « avante! »,
Ao rival se lançou com mãos seguras.
Era um quadro medonho e horripilante
Aquella briga impávida, ás escuras.
No chão já se não via, em toda a parte,
Senão dentes sem queixo, oblos a Marte.

Aos gritos de Cecilia, que morria,
Ao vêr os dous amantes aos pinotes,
Aos apupos da turba, que corria
Formando aqui e ali varios magotes,
Surgiu (oh caso raro e de alegria !)
O bando da policia, com archotes.
O chefe viu a scena, e, tremebundo,
Mandou-os para um carcere profundo.

V

Numa prisão horrenda e tenebrosa,
Deitados sobre palha apodrecida,
Os heroes da tragedia bellicosa
Procuravam na mente escandecida
Um meio, que na trama industriosa,
Lhes désse a liberdade appetecida:
Mas a vida, num antro escuro e infecto,
Paralysa os trabalhos do intellecto.

Tal como no diluvio, quando apenas
A secco estavam picos de montanhas,
Andavam lado a lado onças e hyenas
Ás lutas e exterminio quasi estranhas;
Assim os dous rivaes, naquellas penas,
Viviam sem pensar em novas manhas.
Só ás vezes se ouvia um « arre, burro! »
Mas jámais interveio coice ou murro.

Entretanto, Cecilia atribulada,
Comprára o carcereiro a peso d'oiro,
E numa noite lôbrega e toldada,
Ás horas do terror e mau agoiro,
Entrou, em longo manto rebuçada,
No antro onde jazia o seu thesoiro.
Intrépida amazona de romance,
Libertal-o queria a todo o transe.

Guiada pela luz, baça e tremente,
D'um lampeão vetusto e fumegante,
Viu a pobre estendido, além, na frente,
O vulto quasi nú do mésto amante,
E, movida por força ignota e ardente,
Lançou-se-lhe nos braços delirante;
Que concerto de beijos fervorosos!
Que arrulhar de pombinhos amorosos!

Depois de socegada, a virgem bella,
Que não vira o javardo num recanto,
« Meu anjo, disse, eu sou a tua estrella;
Vem commigo; rebuça-te no manto;
Escura vae a noite: a sentinella
Saboreia ao abrigo um somno santo;
O meu corcel já ouço, além, ás upas,
Tu, vaes na sella; eu, vou-lhe nas garupas! »

Tancredo que num canto, quedo e mudo,
Vira a scena febril do puro amor,
E sentira no peito o cravo agudo
Do ciume fatal, terrivel dôr!
Dilatando os pulmões, medonho e rudo,
Com voz que parecia a de Stentor:
— « Ás armas (estrugiu) o carcereiro
Quer deixar evadir um prisioneiro! »

Aos echos d'esta voz estridulosa,
Acorda em sobresalto a força armada;
Rufam bombos, e a trompa clangorosa
Resôa, e brada « sus » apressurada.
Cecilia, como pende murcha a rosa,
Cahiu no pavimento inanimada,
Ao som do rir feroz e prolongado,
Que saía das fauces do cevado.

VI

Mal chegára aos Quevedos, assombrados,
A nova do successo deshonroso,
Temendo por Cecilia, apressurados,
Ao ouro recorreram milagroso,
E desde logo os rectos magistrados,
Archivando o processo volumoso,
Julgaram num despacho concludente,
Que a innocencia dos reus era patente.

Decidira a familia, neste apuro,
Que se désse a menina em casamento
Áquelle dos amantes que um futuro
Podesse assegurar-lhe de espavento.
Mas, Cecilia temendo o caso escuro
De escolherem Tancredo, um juramento
Fez logo, tão estranho e tão chibante,
Que a discussão findou no mesmo instante.

Assim como a cegonha á beira-mar
Fica posta num pé sombria e feia,
Depois de pouco a pouco triturar
A lagosta que ousou surgir na arêa;
Assim Pires ficou, medonho e alvar,
Quando ouviu, da familia na assemblêa,
A mãe, com voz pomposa e magistral
Firmar da filha a escolha em seu rival.

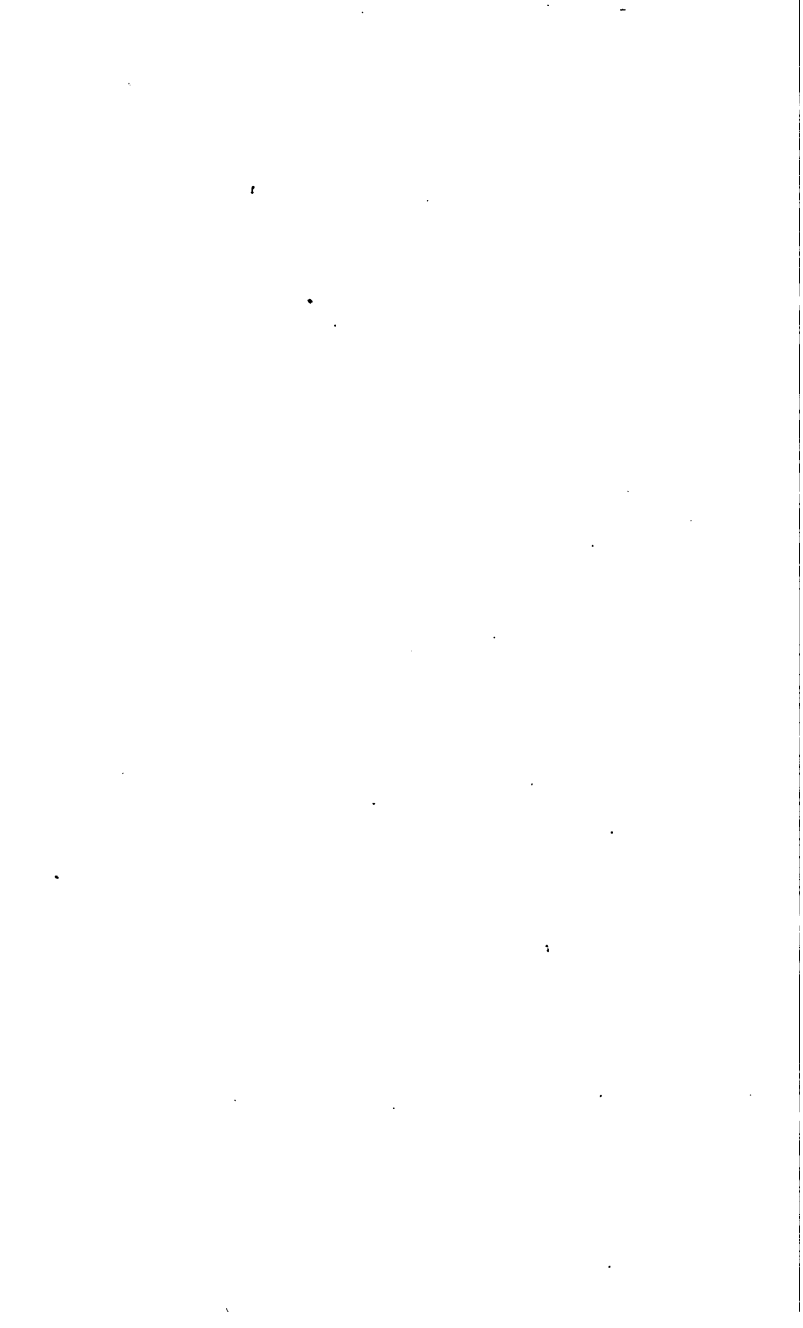
Vencidos d'esta fórma os embaraços,
Mandou dizer a bella ao doce amante
Que viesse, e caindo-lhe nos braços:
« Philippe (murmurou, branda e anhelante)
Sou tua: a mãe consente. Eternos laços
Vão unir-nos ditosos d'ora avantė.
Ai! nem sei como aqui não cáio morta,
Que tanto esta alegria me transporta! »

Casaram. Fôra eterno aquelle dia
Sem uns castos preludios, meio occultos:
Quando a furia da valsa mais crescia
Era quando ao jardim dous lindos vultos
Desciam, se ninguem lá os seguia,
E beijos davam mil, livres de insultos.
Até que, emfim, bateu a meia noite,
Que Tancredo sentiu qual rijo açoite.

Pensou um quarto de hora. De repente,
Despregando em precípite carreira,
Levado por idéa, louca e ardente,
Á ramagem subiu d'uma figueira;
Depois um laço atou com mão valente,
E mettendo a cerviz á gargalheira,
No ar se balançou, qual figo enorme,
Soltando da larynge um berro informe.

Não sei se foi de rir, se de chorar
A morte d'este heroe de má figura,
Que partiu d'este mundo sublunar,
Sem levar os latins do padre-cura:
Eu, porém, já cançado de cantar
Não achei esta morte prematura,
E creio que o leitor, já somnolento,
Tambem lhe disse um « bravo » ao passamento.

III

AS EVOCAÇÕES

ILLUSÕES PERDIDAS

MULHER, que sóltas ao vento
A alegre canção nocturna,
Escuta o primeiro accento
Da minha dôr taciturna!

De uma comedia aviltante
Não venho lembrar-te as scenas:
Como não rira a bacchante
Dos beijos das açucenas!

Como não rira a insolente,
Em contorsões de perdida,
Do casto amor do innocente
Que só a amára... vestida!

Como não rira a devassa
Dos arroubos da poesia,
Se cada noite que passa
Leva comsigo uma orgia!

Venho pedir-te o retrato
Que te dei por amizade:
Não quero servir de ornato
Nos alcouces da cidade.

Quero laval-o nas ondas,
Que gemem na praia agreste,
D'aquellas manchas hediondas
Dos beijos que tu lhe deste.

Laval-o, não; fôra pouco:
Quero lançar essa imagem,
Pobre retrato d'um louco,
Á mais profunda voragem;

Que d'esse crime nefasto
Da ruina d'um peito enerme,
Nem sequer me fique o rasto
Das impurezas do verme!

E possa esquecer-me um dia,
Lá nos fins da minha edade,
Da tormentosa agonia
Dos sonhos da mocidade.

Mulher, que sóltas ao vento
A alegre canção nocturna,
Ouviste o ultimo accênto
Da minha dôr taciturna!

CARPE DIEM

(DE LAMARTINE)

AMENDOEIRA florída,
Emblema da formosura,
Como tu, a flor da vida,
Bem pouco floresce e dura.

Que alguem a despréze ou colha,
Da fronte onde amor ardia,
Cae a triste, folha a folha,
Como o prazer dia a dia.

Gozemos-lhe o breve encanto,
Os aromas d'um momento;
Depressa virá o pranto
Mais breve que o pensamento.

A belleza é fugitiva,
É como a rosa modesta
Que da fronte do conviva
Cae antes que expire a festa.

Morre um dia, outro começa;
A primavera desmaia;
A flor, que o vento arremessa,
Diz-nos: « depressa, gozae-a! »

E se o destino é que as rosas
Percam mimos, viço e côr,
Ao menos murchem ditosas
Nos doces labios do amor.

PERDIDA!

Eil-a caída, a pomba d'alvas plumas,
Na gehena das virgens impollutas!
Quasi occulta nas sordidas espumas
Lá vae nas ondas das paixões corruptas.

Cedeu. Que ha-de fazer o passarinho
Se a giboya o fascina, e, morto o instincto,
Voltêa, como folha em torvelinho,
Em torno ás fauces do reptil faminto?

Que ha-de fazer a tenue mariposa
Se nas sombras da noite ou na penumbra,
Luz, de repente, a chamma esplendorosa,
Um sol que a attrahe, um astro que a deslumbra ?

Mirara nos espelhos do seu quarto
O rosto angelical de linhas brandas,
A tez de neve, o dorso ondeante e farto,
As pômas brancas, de desejos pandas;

E Mephistó, com falla seductora,
Murmurou-lhe, beijando-lhe as espaldas:
« Que lindo collo! mas mais lindo fôra
Se um collar o cobrisse de esmeraldas!

« D'esses teus olhos a expressão divina
Domara o tigre negro, os leões de Java.
É nessa luz que o filho de Erecina
Empeçonha os farpões da sua aljava.

« Amara-te um Petrarcha, sem desdoiro,
Que és a madona das romanas telas!
Quem não quizera ser a abelha d'oiro
Que suga a flor das tuas faces bellas!

« E deixas-te ficar nesse lethargo,
Como insensivel monja em cella escura!
A vida é curta: arranca o vôo ao largo:
Ama e goza, que a vida pouco dura! »

E eil-a caída, a pomba d'alvas plumas,
Na gehena das virgens impollutas!
Quasi occulta nas sordidas espumas
Lá vae nas ondas das paixões corruptas.

BLUETTE

(Numa exposição de rosas)

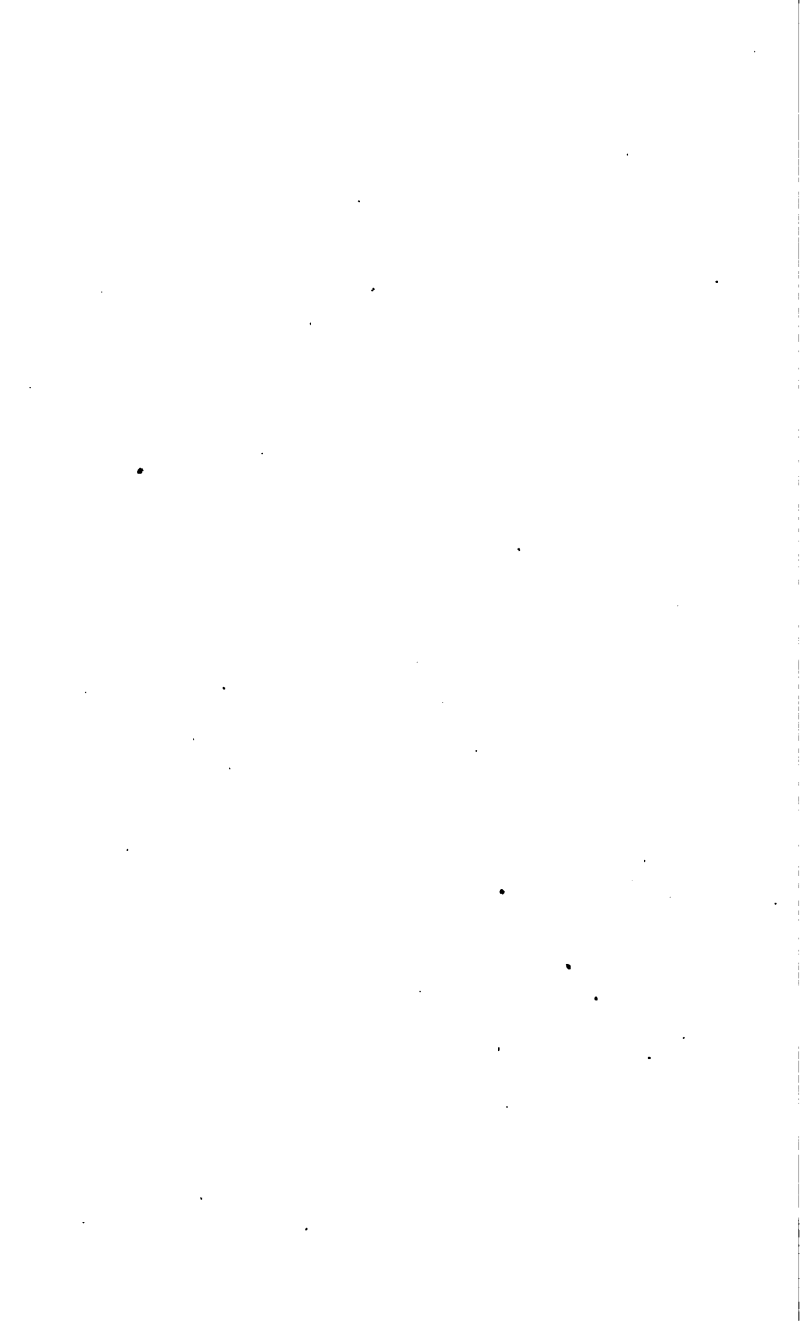
CHEGAMOS aos tristes dias
Em que reina a prosa hedionda.
Eu já não faço poesias:
Vou-me levado na onda.

Tróco ou vendo, por commercio:
De graça, cousa nenhuma.
Fez-se cambista Propercio,
Ovidio livros arruma.

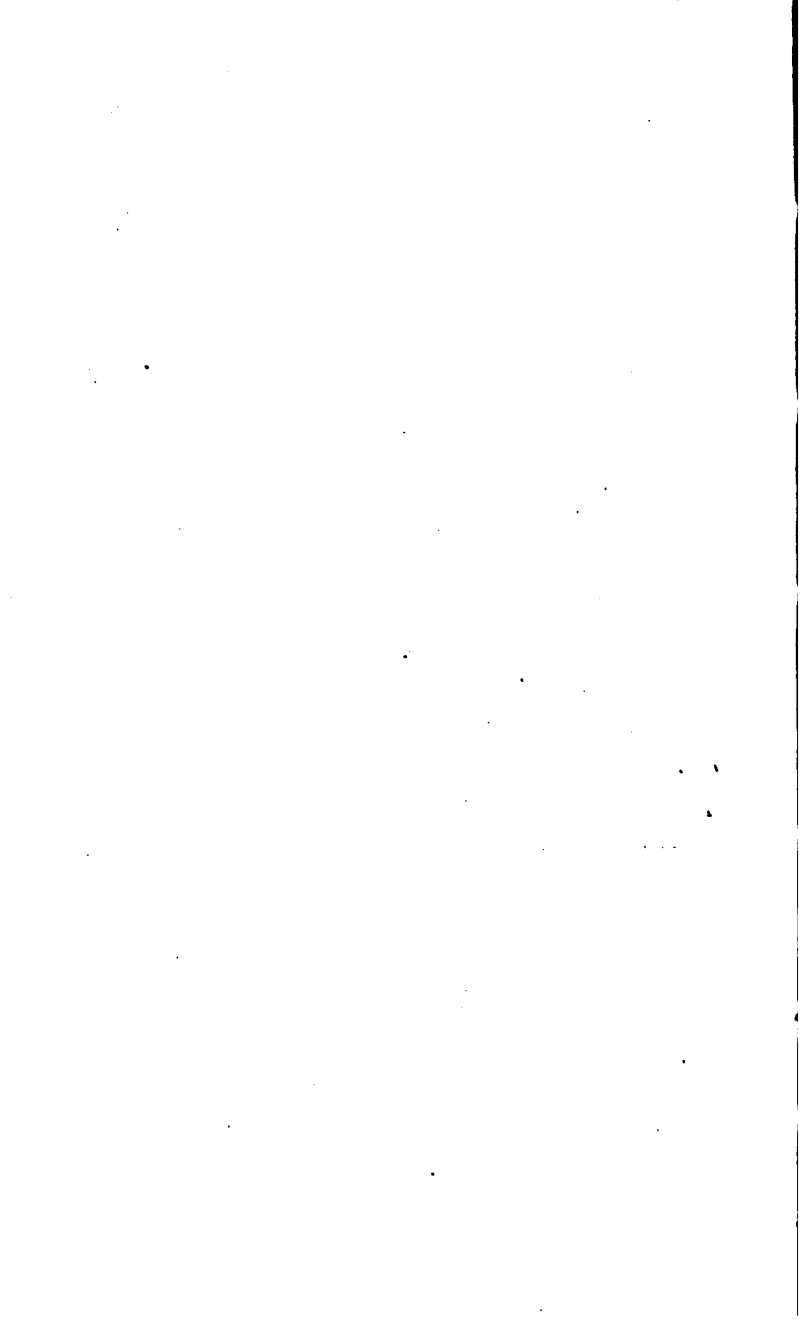
Mas, não fiques tão nervosa
Por uns desejos pueris:
Tenho de expôr uma rosa...
Faço-te uns versos gentis,

Versos d'um poeta que sonha,
De um coração que se expande,
Se consentes que te exponha...
Ganharia o premio grande.

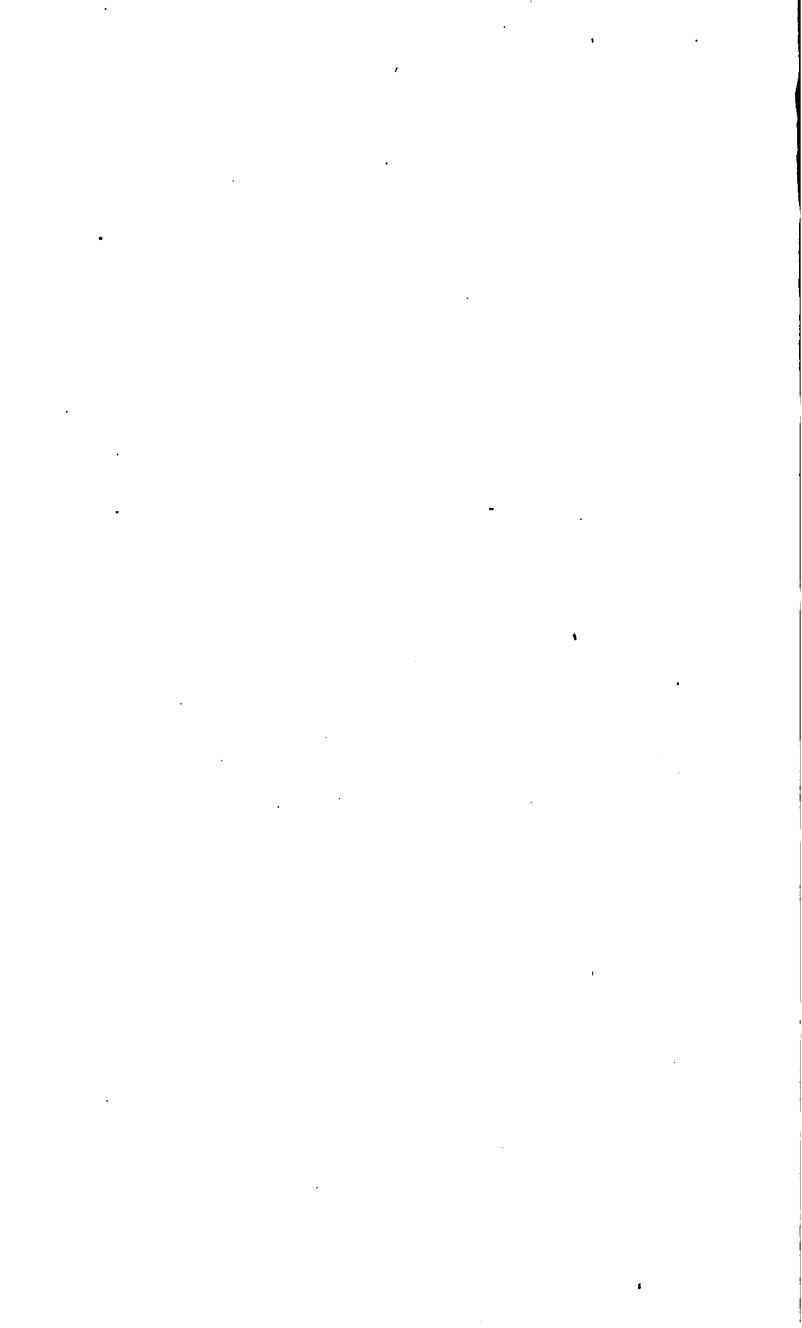
MADRIGAL MYTHOLOGICO

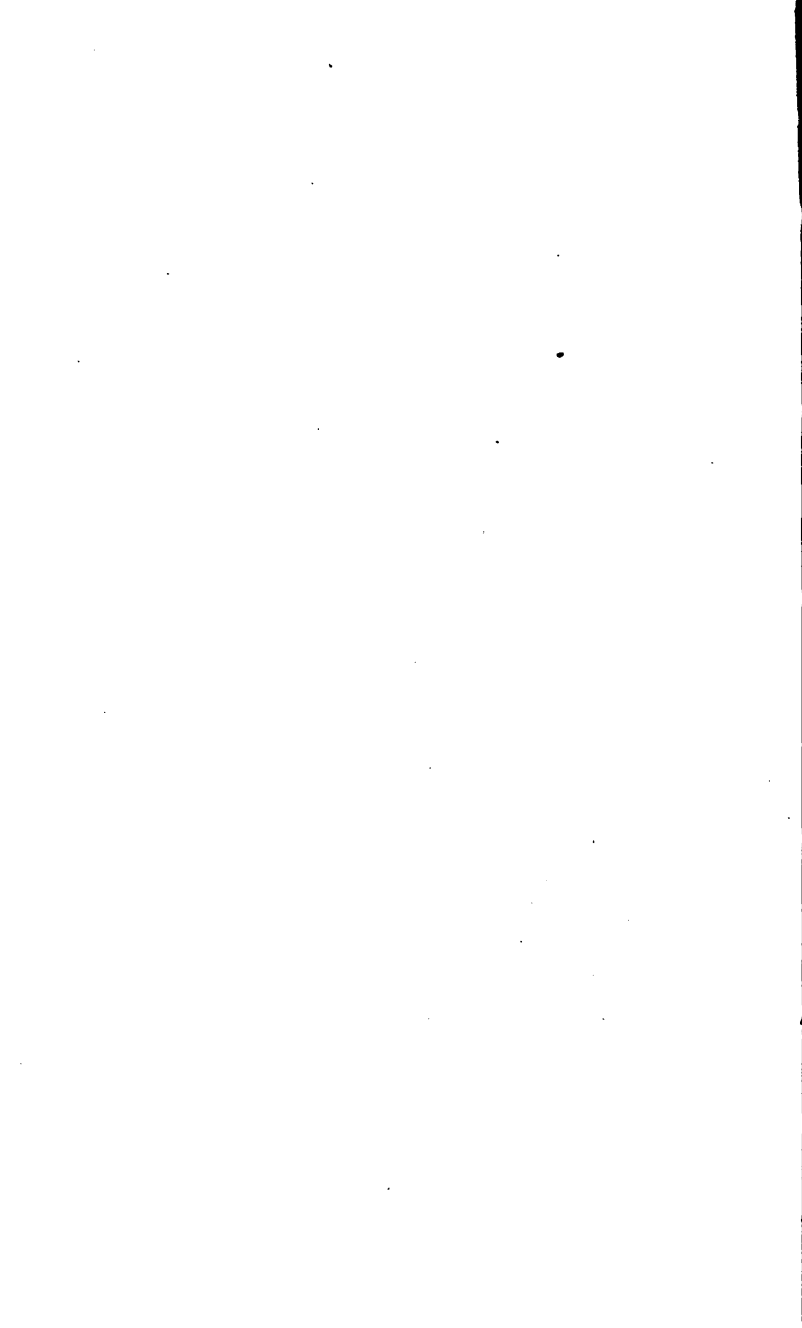
Em frente ao quadro a multidão se ajunta:
Era a imagem da minha castellã.
Diz o filho da deusa de Amathunta:
« É o retrato perfeito da mamã ! »

NUM LEQUE

NÃO quero n'este leque perfumado
Deixar um madrigal em phrase ensôssa:
Procura um trovador mais inspirado:
A uma Laura gentil, menina e moça,
Faltou nunca um Petrarcha enamorado?

Mas, esse rosto gentil
Uma aza d'anjos o abane!
Visse-o um dia Paulo Avril:
Um novo quadro ao buril
Ornára o livro de Uzanne!

ESTROPHES DUM ASSASSINO

Sim, viverás! Porque só morre o homem
Que os dias seus passou a fazer bem.
Pobres d'aquelles que por norma tomem
As leis clementes que do amor provêm.

Só vive quem de lagrimas se alenta:
Vive o que a fama de perverso alcança:
Mais que um dia de plácida bonança
Deixa rastros um dia de tormenta!

COSMOGONIA

Assim que um poeta morre, ascende ao ceu profundo
E logo resplandece em páramos ditosos:
D'um poeta que expirou resurge um novo mundo:
Os poetas são os germens dos astros radiosos!

A DIVA

Eu não posso dizer-vos como é linda
A prima-dona do perfil gracioso:
Fica o labio dos poetas silencioso
Ante o esplendor d'essa belleza infinda!

Não sólta a lyra um som. Febril, demente,
Vivo nas ancias d'um desejo infrene,
Qual o conviva num festim solemne,
Se a taça esgota d'um falerno ardente.

Junto d'ella, curvado, timorato,
Se lhe fallo, em tolices me desprendo,
E madrigaes, que eu mesmo não entendo,
Lhe recito, na lingua de Torcato!

Outras vezes, qual monge de granito,
Junto d'ella me fico arrebatado,
Na postura d'um vate enamorado,
A mão no peito, os olhos no infinito.

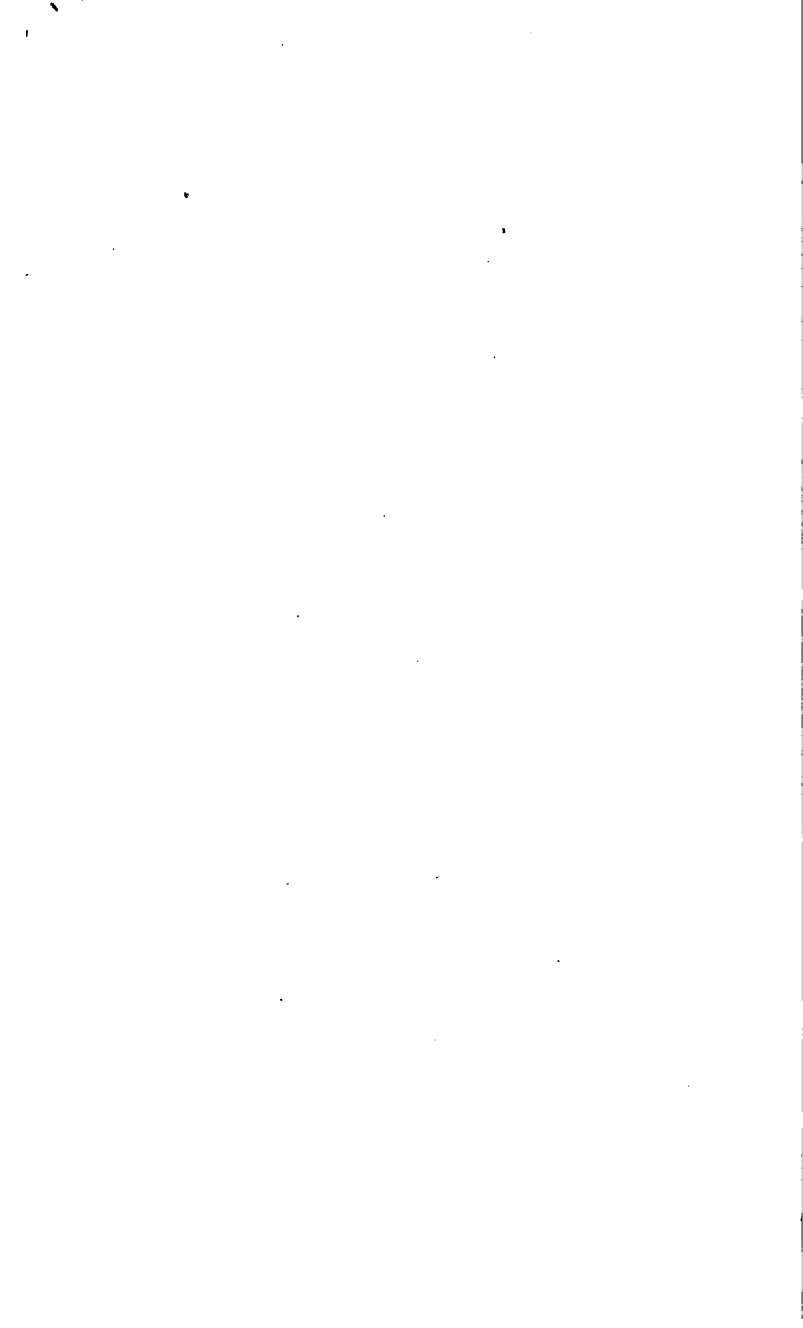
Um dia solfejei-lhe, em voz pastosa,
A ella, a essa garganta d'oiro e prata,
A canção do tenor, da *Traviata*,
Que ella ouviu, com surpresa jubilosa.

Depois, a sotto-voce, em tom cadente,
Como em paga da minha gentileza,
Murmurou-me a romanza da tristeza,
A chorosa *Alla Stella confidente*.

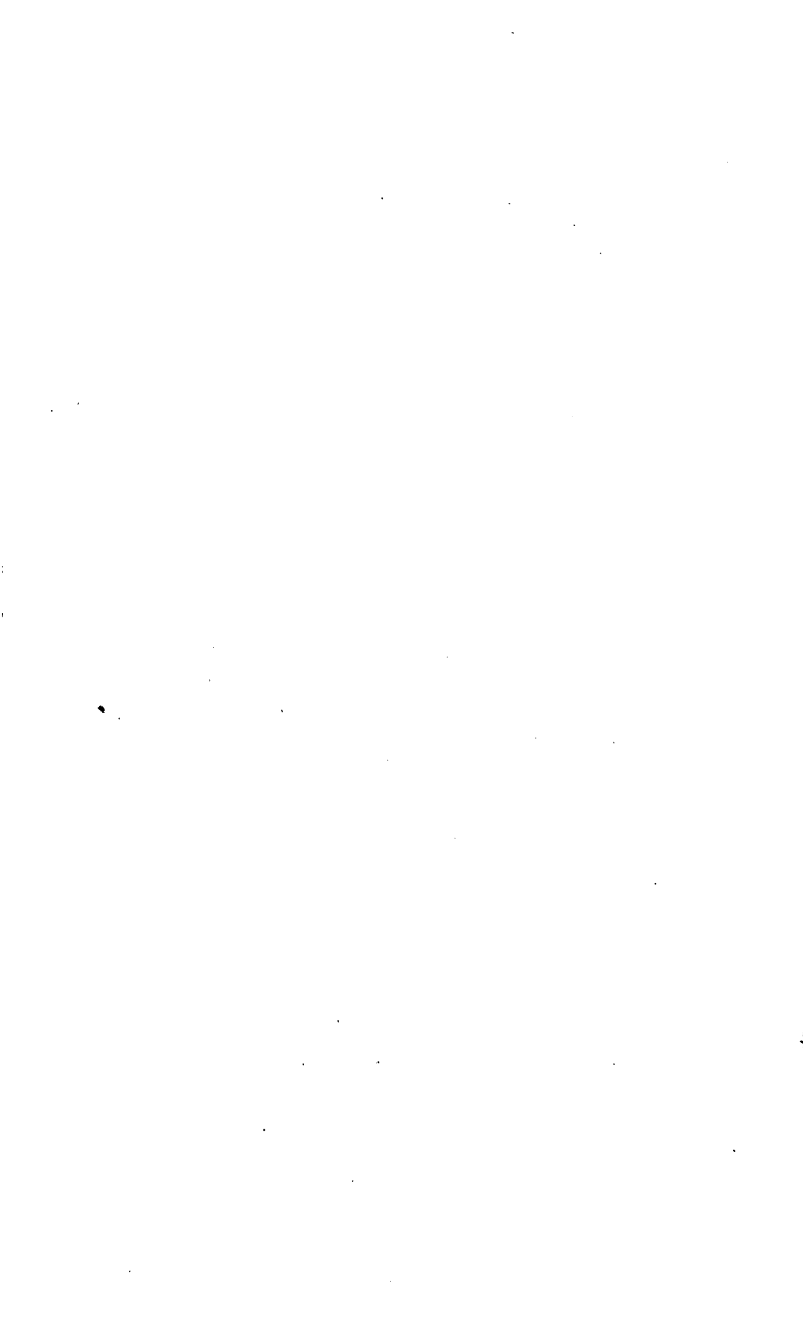
E quer ser minha: segredou-m'o ha pouco!
Oh ventura celeste, ideal, suprema!
Vae unir-nos em breve a mesma algêma
Vão realisar-se as illusões d'um louco!

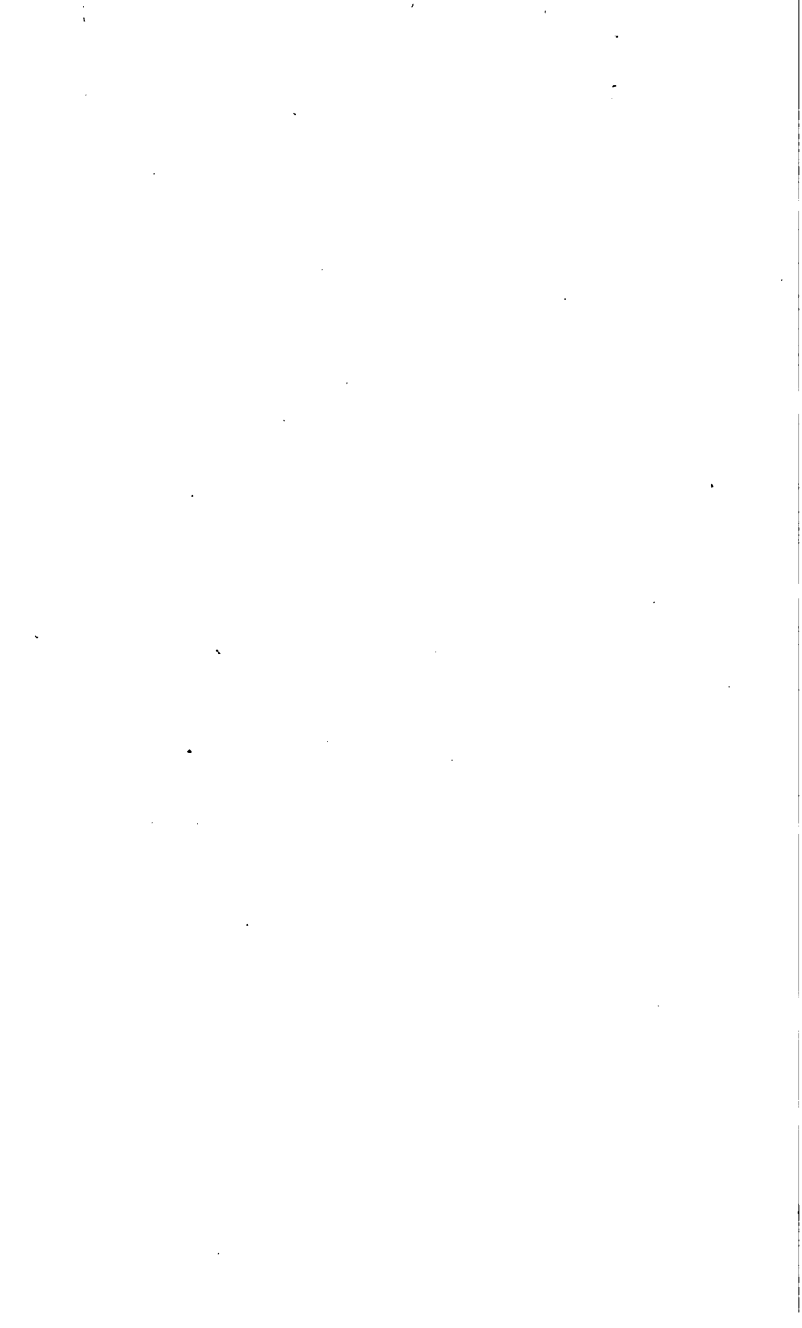
Disse-me: « Irás commigo, anjo adorado;
Nas verdes margens do cerúleo Cômo,
Colheremos famélicos o pômo
Que outrora a Adão e a Eva foi vedado. »

E fallando-me assim, graciosa e bella,
Perlas soltas d'uma amphora de prata,
Aos espaços lançou uma volata
Que um rouxinol suppoz de philomela!

E não posso dizer-vos como é linda
A prima-dona de perfil gracioso:
Fica o labio dos poetas silencioso
Ante o esplendor d'essa belleza infinda!

NA VARETA DUM LEQUE

O LEQUE na mão nevada
D'uma loira primavera
É como a vara encantada
D'uma Circe: attrahe a fera!

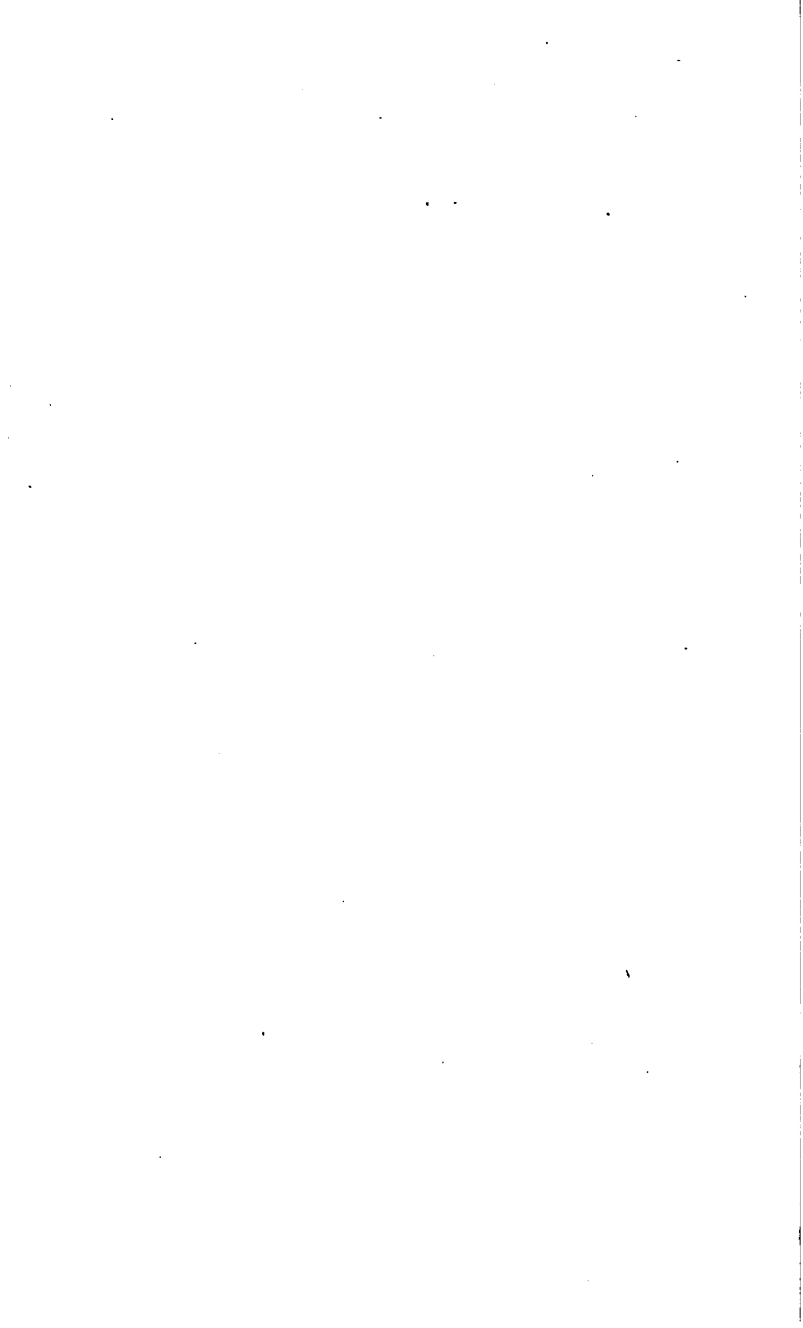
E a fera, o leão das salas,
Mais que o da Núbia temido,
Treme ao vêr-te, e se lhe fallas,
Larga a juba, e cae vencido!

NOUTRO LEQUE

MULHERES... perdição da nossa vida!
Bem, contra ellas, Santo Ambrosio, fallas!
Mas... se não existissem? Insoffrida,
Teria a humanidade de invental-as.

EPITAPHIO

(DE GERALDO DA CUNHA)

Como o raio destroe, em noite fria,
A ave e o roble, se no roble cae,
Assim a Morte destruiu num dia
A vida ao filho, o coração ao pae.

NUM CEMITERIO

QUE procuras aqui, mulher velada,
Nas sombras d'esta campa de granito?
O seu corpo? Morreu, volveu ao nada.
A sua alma? Procura-a no infinito!

A ESMOLA

Era num sitio afastado
A casa em que ella vivia,
Junto a um plátano copado
Que de sombra a recobria.

Negára-lhe a natureza,
Em seus caprichos injusta,
Os encantos da belleza:
Era feia; — mas robusta.

Era até muito elegante
E d'uma extrema frescura;
Tinha o cabello abundante,
Em ondas na fronte pura.

Sempre triste e concentrada,
Bem poucas vezes saía;
Andava sempre apressada,
E se via alguem, fugia.

Nenhum rapaz a quizera,
Nenhum, posta a mão no seio,
Recurvado, lhe dissera
O mais simples galanteio.

Que vida tão desgraçada!
Que existencia desditosa!
Era, assim abandonada,
Como a debil tuberosa,

Que pouco a pouco emmurchece,
E para a terra se inclina,
Se depois que o sol a aquece
A não refresca a neblina.

Sentada á sua janella,
Altas horas, ao luar,
Se cantava a philomela,
Tambem se punha a cantar.

E com voz que traduzia
Um secreto pensamento,
Estas palavras dizia,
Com estranho sentimento:

« Sou como triste viuva
Neste meu negro penar;
Haja sol, ou cáia a chuva,
O meu destino é penar.

«Sou tão nova, e, pensativa,
Tenho o sonhar da mulher:
Mas estou morta, e sou viva,
Porque a mim ninguem me quer!»

Quando eu ia da cidade
Passar ao campo algum dia,
Era sempre com piedade
Que á sua janella a via.

Certa noite, calma e lêda,
D'um luar resplandecente,
A meio d'uma vereda,
Encontrei-a frente a frente.

Parou, ao vêr-me, indecisa;
Teve ideas de voltar,
Mas era tão doce a brisa!
Era tão doce o luar!

De chofre, sobre ella cáio
Como o tigre sobre a prêsa,
E vendo-a quasi em desmaio,
Hirta de horror e surpreza;

Dou-lhe um beijo, com doçura,
Na sua bôcca lasciva:
Quer resistir porque é pura,
Mas por defêsa instinctiva;

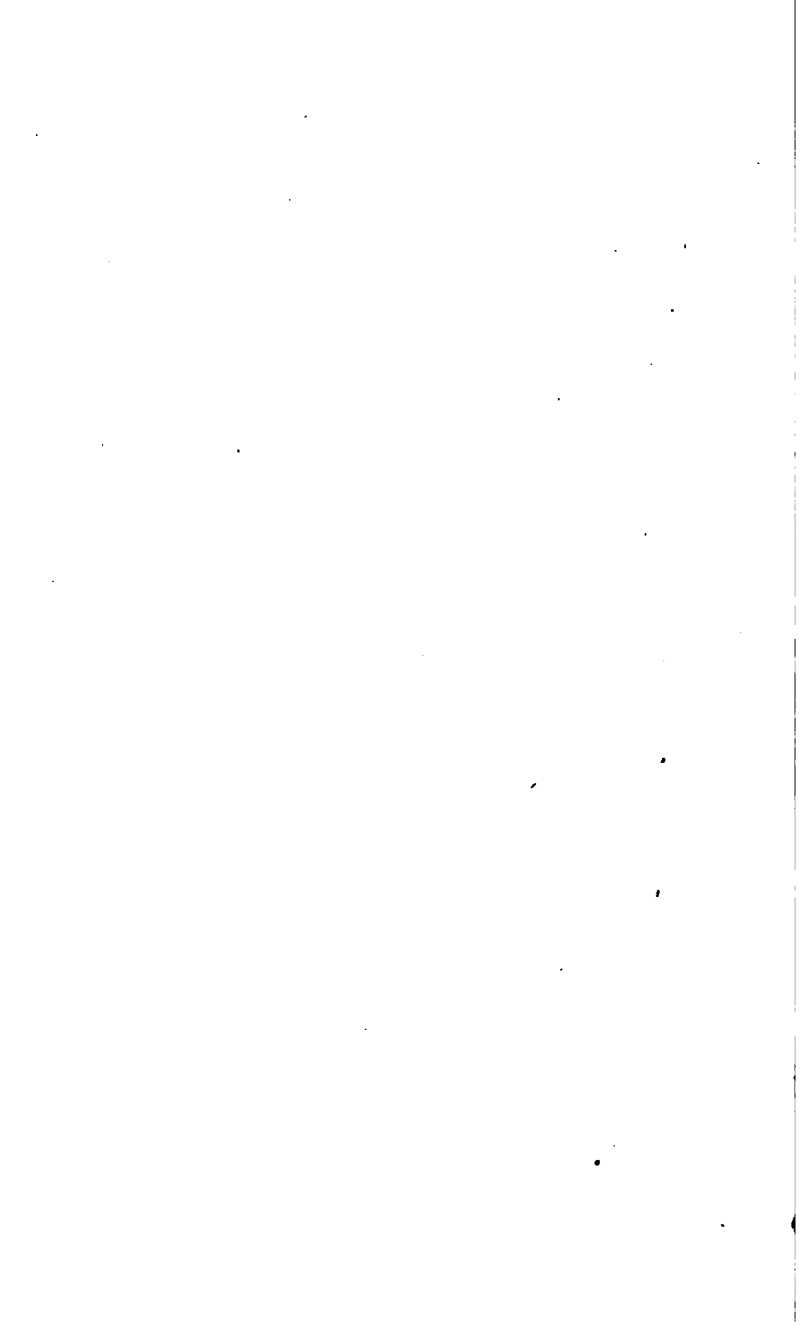
Porque em breve como cega
Pelo ardor que a vence e alaga,
Aos meus caprichos se entrega,
Que amor com amor se paga.

Findou tarde, muito tarde,
Aquelle idyllio secreto.
Mas, silencio! Fui covarde,
Não seja agora indiscreto!

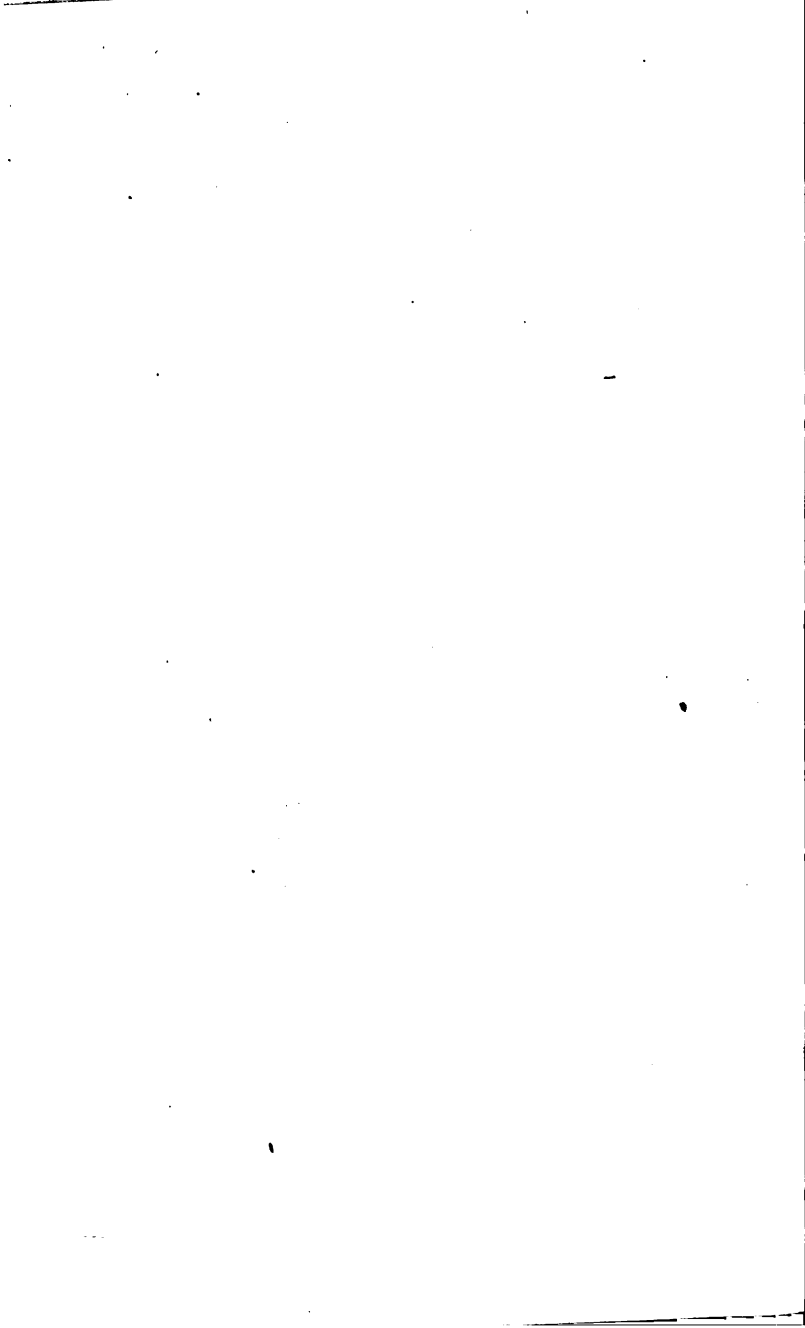
— «Adeus (lhe disse) a alvorada
Já dos montes se avisinha.»
— «Já! disse ella contristada...
Deus lhe pague esta esmolinha!»

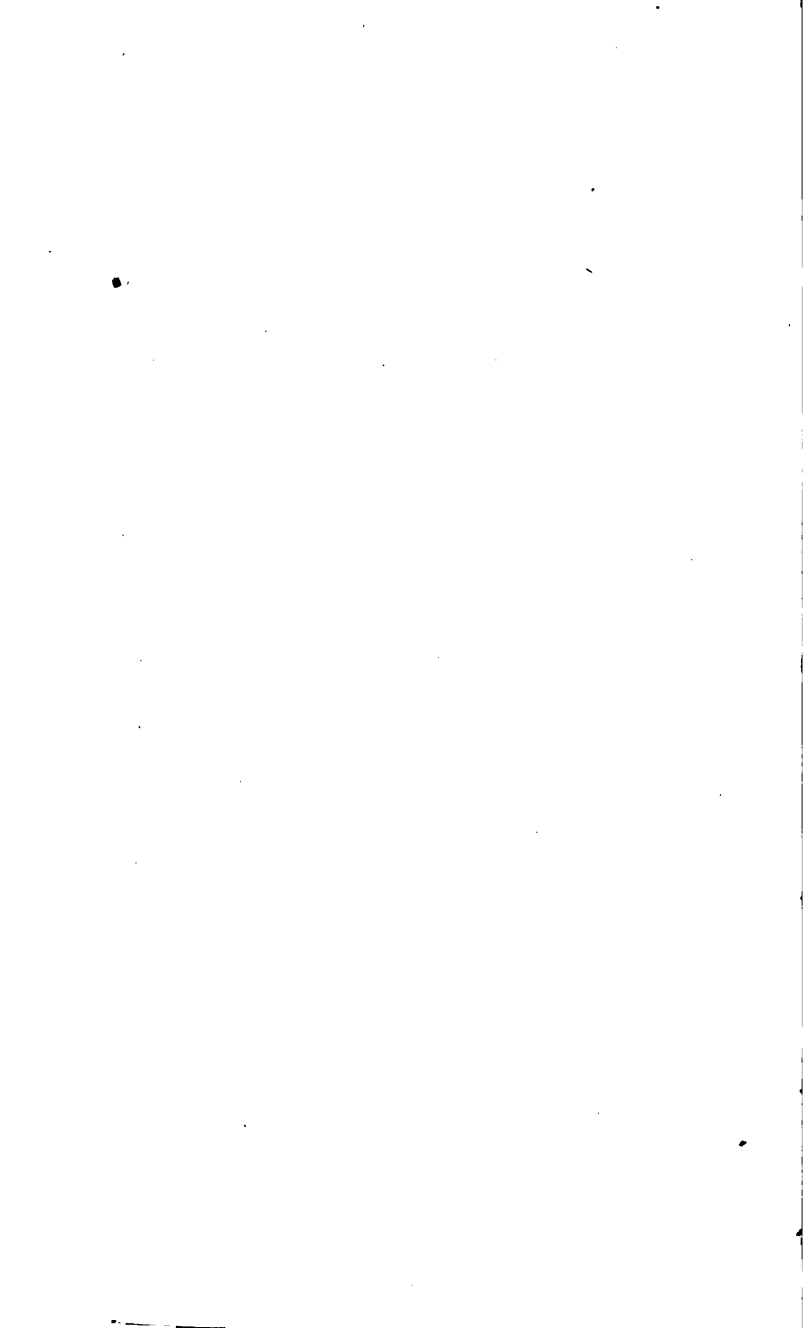
OUTROS TEMPOS

Oh Moisés collossal da lenda eterna!
Desce de novo lá dos ceus ao mundo!
Vem conduzir á Promissão moderna
Este povo, nas sombras gemebundo!

Mas, se desejas que Israel te siga
E te não volte, sem respeito, a face,
Não lhe dês agua, que é uma cousa antiga,
Dá-lhe abundante em cada rocha um Bass!

INSPIRAÇÃO ANTIGA

É CEDO por emquanto. A musa esquiva
Foge aos amplexos do seu vate inquieto.
A guitarra andalusa d'Almaviva
Não tem echo nos páramos do Hymétto.

Só me inspiram, no campo dos amores,
Rimas singelas, naturaes, sem tropos,
Hespanholas gentis, que sejam flores,
Ou o loiro Xerez, que vi nos copos.

IV

ARIAS MODERNAS

FIM DE SECULO

(A Manuel Duarte d'Almeida)

Era galante, mas fria,
Anjo talvez, mas em prosa;
Via o mundo côr de rosa,
E d'essa côr se vestia.

Um vate, que perseguia
Como um doido a caprichosa,
Numa tarde luminosa,
Com voz doce lhe dizia:

« Como é triste a minha estrella!
« E não me tiras a adaga
« Que este meu peito flagella!

« Ouve o Dirceo de Gonzaga:
« Amor... » Interrompe a bella:
— « Amor com dobrões se paga. »

DENTIBUS ALBIS

(A José Frederico Laranjo)

Foi medonho o combate e porfiado,
Mas, por fim, a teus pés caí vencido;
Assim, por vezes, no deserto ardido
A giboya derruba o leão cançado.

Mal me viste por terra, aniquillado,
Para logo, com ánimo insoffrido,
Cravaste os dentes de marfim polido
Neste meu pobre coração maguado.

E como o tigre que subjuga a prêsa,
Não te condoes da victima que chora,
Nem me escutas, em teu furor accêsa!

Oh deus, venha um dentista sem demora!
Vem tu, oh Bass: empunha a chave ingleza:
Arranca-me este amor que me devora!

A FIADEIRA

(A Mariano Pina)

Se um Hilario agora a visse
No passeio da cidade!
Elegante, sem vaidade,
Quando a namóro sorri-se.

Não sei que bardo me disse:
« Pelo amor d'esta beldade
Daria, amigo e confrade,
O verbo da bernardice! »

Como é linda! A Grecia impura
Daria por ella, em troca,
A deusa da formosura!

Pois sabei que traz na roca
Os meus dias de ventura,
E vae grande a maçaroca!

MARINHA

(A BULHÃO PATO)

Nos rochedos sinistros que a procella
Uivando açoita, em pavoroso embate,
O triste barco, já sem leme, bate,
Fendido o mastro, esfarrapada a vela.

O náufrago, terrivel scena aquella!
Tenta o esforço d'um ultimo combate;
Mas, em vão: sôa a hora do resgate,
A hora do pavor que as almas gela.

A mãe, na praia, ao vêl-o sem alento,
Já nas fauces do monstro, e sem asylo,
Incrépa os ceus com lamentoso accênto;

E na duna arenosa, em pé, tranquillo,
Um moço artista, de cabello ao vento,
Vae desenhando, com mão firme, aquillo!

DEVOTA

QUANDO eras rapariga,
Belleza ideal a tua!
Fería, como púa,
Matava sem fadiga.

Loira, como uma espiga,
Esbelta, a espadua nua,
Dizia-se na rua:
«Excede a Láis antiga!»

Chamavam-te a leoa,
E foste a musa e o astro
Dos poetas de Lisboa.

Agora, és de alabastro,
E um papagaio entôa
Que tens por liga... um nastro!

SIR JONH BULL

Eis o thêma: quem és? Nenhum propheta
Se lê nos velhos códices que o diga:
E nos livros da Historia, a sempre amiga,
Esta materia é dúbia, por discreta.

« Excremento do mundo » o grande poeta
Te chamou num soneto em phrase antiga;
Mas a Sciencia, que origens investiga,
A solução propende mais completa.

Quando o teu proprio bardo te figura
Em Falstaff, o poltrão, odre com pernas,
Só quiz lisongear-te a compostura:

Chegam mais longe as conclusões modernas:
Tu és, segundo a Sciencia conjectura,
O macaco primévo das tabernas!

FI!

(A Gomes Leal)

Já corre o sangue na injocunda face
Do prostrado guerreiro do Occidente.
Mas, d'esse bôjo de Moloch ingente,
Se a ponta d'um florete o perfurasse,

Só jorraria o liquido de Bass,
Sangue impuro, com fezes d'agua-ardente!
Venceste. Mas, quem és? Pôngo valente
Um Caran d'Ache o teu perfil nos trace.

A nossa historia num Camões se veja!
Lê-se a tua no sórdido cadastro
Dos crimes que na terra o Mal despeja!

Quem és? A treva; Portugal um astro.
Passa de largo, oh ôdre de cerveja:
Nem vales o soneto d'um poetastro!

PARTAMOS!

(A M. S. Romão)

Venceste. Na luta accêsa
Entre nós ambos travada,
Ficou-me a razão prostrada
Ante essa estranha belleza.

Fôras madona em Veneza;
Em terra de moiros, fada,
E na França enamorada
A loira musa franceza.

Venceste! Venceu a bella;
O velho leão do asphalto
Fia-lhe a roca, aos pés d'ella!

Ao precipicio, de um salto!
Põe tu a flórea capella
Que eu vou pôr o chapeu alto!

HONNI SOIT QUI MAL Y PENSE

Mais brando que o dolcísono Petrarcha
Eram favos de mel os teus escriptos,
E eras já, por teus versos tão bonitos,
O poeta mais distincto da comarca.

De repente, mudaste: obra da Parca
Ou influxo dos réprobos malditos!
Reclamas a cabeça, em altos gritos,
Não d'um porco-montez, mas do monarcha;

Matas o mísero D. João por troça;
Entras dos ceus na abóbada profunda,
E dás ao Padre Eterno horrenda côça!

Em ti do morticinio a fome abunda,
Em ti abunda a sanguinaria bossa:
Tu és camêlo, dize, ou és corcunda?

NO LEQUE DO POETA X

Dize-me, oh vate, o que pedes
Sempre em gemidos, se cantas!
Não erguêra maguas tantas
A alavanca de Archimedes.

Inda mais que o Fausto Guedes,
Inda mais que o Julio Dantas,
Tu o mundo inteiro espantas,
Com as lamurias que expedes.

Não eras assim outrora:
Bem sei que vives na chamma
De um amor que te devora;

Mas, se padece quem ama,
Não pranteies como chora
Um baby que pede mâma!

HESPANHOLA

(A CANDIDO DE FIGUEIREDO)

LIA-LHE os cantos de Truéba, um dia,
Numa tarde calmosa e transparente.
D'uma guitarra a vibração plangente
Nos recantos da sala esmorecia.

Como Petrarcha a Laura, que o ouvia
Sentada junto á múrmura corrente,
Assim, áquella flôr, com voz tremente
Os doces cantos de Truéba eu lia.

De súbito, num vivo ardor accêsa,
Filha inquieta do patrio Manzanares,
Traça a mantilha, á moda aragoneza.

Cáe-me das mãos o *Livro dos Cantares:*
— « Onde vaes? » lhe pergunto com tristeza;
— « Á colheita dos lánguidos olhares. »

FRANCEZA

LOIRA como uma messe em fins d'agosto
Não deve, á raça, esculptural belleza.
Risonha, com assômos de tristeza,
Nunca a prostrára a sombra d'um desgôsto.

Adora a valsa, e na expressão do rosto
Revela, ao rir, a natural viveza.
No *Bosque*, sobresáe pela esbelteza
Do seu porte correcto e de bom gôsto.

Casou-se ha já dous annos. O marido,
Homem grave, de ventre e deputado,
Em grande conta nos jornaes é tido.

Mas, quando o vejo no salão doirado,
Junto d'ella, a dormir, vem-me ao sentido...
De Miguel Angelo o Moysés sentado.

MENDIGOS

(A

Eu tinha uma vaga idea
De a ter visto não sei quan
Agora andava esmolando:
Triste fim d'uma epopêa!

Hontem, á noite, encontrei
Aproximou-se, e chorando
— « Tem pena ao vêr como
E na voz de quem pranteia

Tinha a vaga melodia
De longinquas barcarollas.
— « Já fui ditosa algum dia:

« Já lhe dei muitas esmolas... »
— « Tu? A mim? » — « Quando as pedia
Nos braços das hespanholas. »

AS CARTAS

De súbito, e ajoelhado á moda antiga,
Hesitante lhe disse que a adorava:
« Que de ha muito sentia a mente escrava
Dos seus dons de elegante rapariga.

« Por vós (lhe disse) esta minh'alma abriga
Um fogo interno, que se expande em lava! »
Como o esphinge, estas vozes escutava
Num silencio cruel, mas sem fadiga.

Disse mais: « Passo a vida, enamorado,
A fazer versos sepulchraes á lua,
E sempre sem dinheiro, e desleixado,

O que tenho de meu trago-o na rua:
Sou tão sómente... bacharel formado.»
— « Ah! tens as cartas... caro amor, sou tua! »

O ULTIMO EREMITA

(A ALBERTO PIMENTEL)

ROSINA! Que formosura!
Não ha outra na cidade:
Quando falla, que bondade!
Quando sorri, que doçura!

Disse-me, ao vêl-a, o meu cura:
« Por um ai d'esta beldade
Daria, na mocidade,
A minha prima-tonsura! »

Mas, oh dôr não presentida!
«Vae casar, diz a gazeta,
Consentiu, ao ser pedida!»

Quebra-me o fado a ampulheta:
Vou-me ao sepulchro inda em vida:
Vou fazer-me anachoreta!

DESENHO A' HOLBEIN

No caixão, sobre fúnebre taburno,
Jaz estendido, envôlto no sudario,
O professor do burgo solitario,
« Prostrado pela foice de Saturno.»

Disse-o elle, ao morrer. Grave e soturno,
Resôa, em volta, o canto funerario,
E lá fóra, o sinistro campanario
Une a voz tragica ao pavor nocturno.

Batera a meia noite. De repente,
O terror, um insano desvario,
Lança por terra a multidão fremente:

. . . .

O morto erguêra o braço magro e frio,
E matára... uma aranha, que imprudente,
Á fronte lhe descêra a pôr um fio!

EVOLUÇÃO PERPÉTUA

(A VALENTIM DE MAGALHÃES)

NÃO te cances no estudo, incerto e vario,
Do problema final da vida eterna.
« Depois da morte, nada » é voz moderna
Que se perde nas rochas do Calvario.

Sombrio, como um doente imaginario,
Apavora-te o Espectro que governa
No palacio dos reis, e na taberna:
A da fouce e do lúgubre sudario.

Mas, coragem! Não chores sem motivo!
Nem mais andes assim, na morte absôrto,
Que no mundo o prazer é fugitivo:

Toma alentos num cálice de Porto:
Se para se morrer, basta estar vivo,
Para se resurgir, basta estar morto.

UMA ANDALUZA

Desde Sevilha a Granada,
Nesse jardim de Castella,
Nenhuma rosa, como ella,
Fôra dos poetas cantada.

Campoamor chamou-lhe fada,
Truéba e Zorrilla — uma estrella.
Mas, veio um dia a procella,
E prostrou-a inanimada.

Ao seu grito derradeiro,
Outro se uniu, de agonia,
Lamento de um povo inteiro;

Que em éstos de amor tremia,
Ao rufo do seu pandeiro,
A terra da Andaluzia!

AS GRANDES MANOBRAS

(A TRINDADE COELHO)

QUANDO eu fazia trovas, nessa edade
Em que esta vida é sonho de poesia,
Fiz-lhe versos de amor, em que a dizia
Um lirio branco, a flôr da castidade.

Era junto ao *Penedo da Saudade*
Que eu muitas vezes, perpassando, a via:
Lá era o ninho. Assim a cotovia
O faz longe, bem longe da cidade.

Quanto eu a amava então! Em ancia ardente
Eu só tinha um desejo: o da conquista
D'aquella virgem pura, anjo innocente!

Certo dia, em que a vi, fui-lhe na pista,
E logo, aproximando-me tremente:
— « Onde vae? » — perguntei. — «Vou á revista.»

IDYLLIO CAMPESTRE

(A ANTHERO DE FIGUEIREDO)

ERA só minha, por fraqueza escrava
Dos caprichos da minha phantasia;
Ingénua e sempre muda, obedecia
A tudo o que eu, vaidoso, lhe ordenava.

Jamais a vi a desfazer-se em lava
Ou sensivel a casos de poesia;
Mas, naquellas regiões, onde eu vivia,
Era um prato de rei, se a comparava.

Frêsca e guapa, mas sempre mal vestida,
Amava-a por favor, sem que jamais
Lhe désse cousa alguma á despedida.

Certa noite, porém, entre os pinhaes,
Dei-lhe dinheiro, e então, reconhecida:
— « Ora seja por alma de seus paes! »

O GOLPE

—

Era uma dama sisuda
E recatada, mas bella.
Eu tinha, ha muito, por ella,
Uma affeição grave e muda.

Vendo-a sempre carrancuda,
Perdia a voz, a loquela.
Mas, vendo-a um dia á janella
Com face menos trombuda,

Li-lhe os meus versos escriptos,
Como hoje se diz « com verve ».
Disse-me então: « São bonitos,

« Mas consinta que lhe observe:
Nestes tempos esquisitos,
Essa cousa... de que serve? »

ENTRE A ESPESSURA

SENTADO junto a um roble centenario,
Numa clareira da floresta umbrosa,
Um monje, triste a face e lutuosa,
Lia os textos de Marcos, solitario.

Lia a tragica scena do Calvario,
A passagem na via dolorosa;
Da pobre Mãe, afflicta e lacrimosa,
O adeus ao Filho, o eterno visionario.

De repente fugiu. O monge austero
Ouvira de entre as balsas: « Anjo, amei-te
« Desde quando te vi; que amor sincero!

« Dá-me um beijo; dá-me um que me deleite.»
— « Assim? » — « Oh! d'esses não, d'esses não quero.
— « Então de quaes, amor? » — « De ama de leite.»

AS ONDINAS

(AO CONDE DE VALENÇAS)

ERAM duas as pallidas ondinas,
Ambas ellas gentis e provocantes.
No glauco dos seus olhos fulgurantes
Liam-se os éstos das paixões divinas.

Prenderam-me, nas aguas neptuninas,
Mais ardentes que as pérfidas bacchantes.
Mas, Tenorio feliz de outras amantes,
Disse adeus ás aquáticas meninas.

Á hora da partida, a minha ausencia
Em gritos lamentavam, desditosas,
Torcendo os corpos nús, como em demencia;

E do seio das vagas rumorosas
Diziam: « Não nos deixe, oh! não, vossencia,
Pelas da terra emmurchecidas rosas! »

O BEIJO

Porque me vistes, senhora,
Dar um beijo em vossa aia,
Será justo que em mim cáia
Vossa ira esmagadora!

Uma dama encantadora
Como sois, da vossa laia,
Ter zêlos d'uma lacaia!
Vós, a minha vencedora!

E demais, eu nunca minto:
Foi ella que o deu a mim:
Trazia o peito faminto,

Ella, o casto seraphim!
Deu-mo, dei-lho, por instincto,
Nos seus labios de carmim.

O CRIME

(AO CONDE DE ARNOSO)

QUANDO, opáca, descêra a noite escura
Por sobre o extenso parque do castello,
De súbito a encontrei. No rosto bello
Transluzia-lhe a alma, ingenua e pura.

Propicio era o momento. A chamma impura
Que por ella sentia, o meu flagello,
Indómita irrompeu, e, ardido Othello,
Cru, lhe desfiz a virginal cintura.

— « Anjo (lhe diz a mãe) profundo abalo
Esse teu peito em convulsões agita:
Cantou funéreo á meia-noite o gallo! »

— « Tive um sonho, responde a bella afflicta:
Devorou-me um leão, e de sonhal-o
Meu coração de doce horror palpita! »

A ETERNA IDÉA

DESDE ha tempos que eu a achava
Mais fria, e menos jocunda,
Ella, em gracejos fecunda,
Sempre alegre, ardente e brava.

Agora, as noites passava
A rezar, meditabunda:
E eu via, com dôr profunda,
Que ella, por vezes, chorava.

Até que um dia lhe digo:
— « Desadoro essas tristezas:
De que soffres? » — « Doce amigo,

« Se temos as almas prêsas,
Porque não casas commigo? »
— « São enormes as despezas! »

MORIBUNDA

(A GUERRA JUNQUEIRO)

No grande leito ebúrneo, macilenta a face,
Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,
Esperava infeliz, de momento a momento
O golpe derradeiro, o triste desenlace.

Era como uma flor que a brisa ao chão lançasse,
E naquelle profundo e mésto abatimento,
Sempre de olhos fechados, muda e sem alento,
Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.

Cheguei-me compungido, e então lhe disse: « Quando
Déres entrada, além, no ethéreo azul infindo,
E entre os anjos ditosos resurgires, voando,

Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo!
E viverás feliz, mais que na terra, amando! »
Então abriu os olhos, e expirou sorrindo.

A COMBÓRÇA REAL

O REI mandou-lhe o lenço: que tortura!
De certo repelliu a injuria hedionda:
Mas, quem sabe? A mulher é como a onda,
Uma pagina escripta em lingua obscura.

Dizia-me, inda ha pouco, ethérea e pura:
« Por todos os thesouros de Golcônda
Por todos os que em si a terra esconda,
Não trocava este amor, esta ventura! »

Mas, sinto est'alma a desfazer-se em ais:
Ir vêl-a? Sim; embora me persiga
A voz que exproba os actos desleaes.

Bato, e responde-me a lacaia antiga:
— « Diz a senhora que não volte mais:
Traz Sua Magestade na barriga... »

LACRYMAE RERUM

(A BERNARDINO MACHADO)

DESDITOSA mulher! Na cella escura
Contrista o vêr-lhe o rosto dolorido.
Pelos hombros, de marmore polido,
Cae-lhe em ondas a trança, mal segura.

Semi-nua, em humilde compostura
Chora ante um Christo sobre a cruz pendido:
Chora o tempo do amor, sonho illudido,
Doces peccados de uma vida impura.

Assim eu chóro um bem que me sorria:
Visão desfeita! E nesta escuridade,
Sons vagos de distante symphonia,

Dos tempos me recordo com saudade
Em que nos campos do Mondego ouvia
A ditosa canção da mocidade!

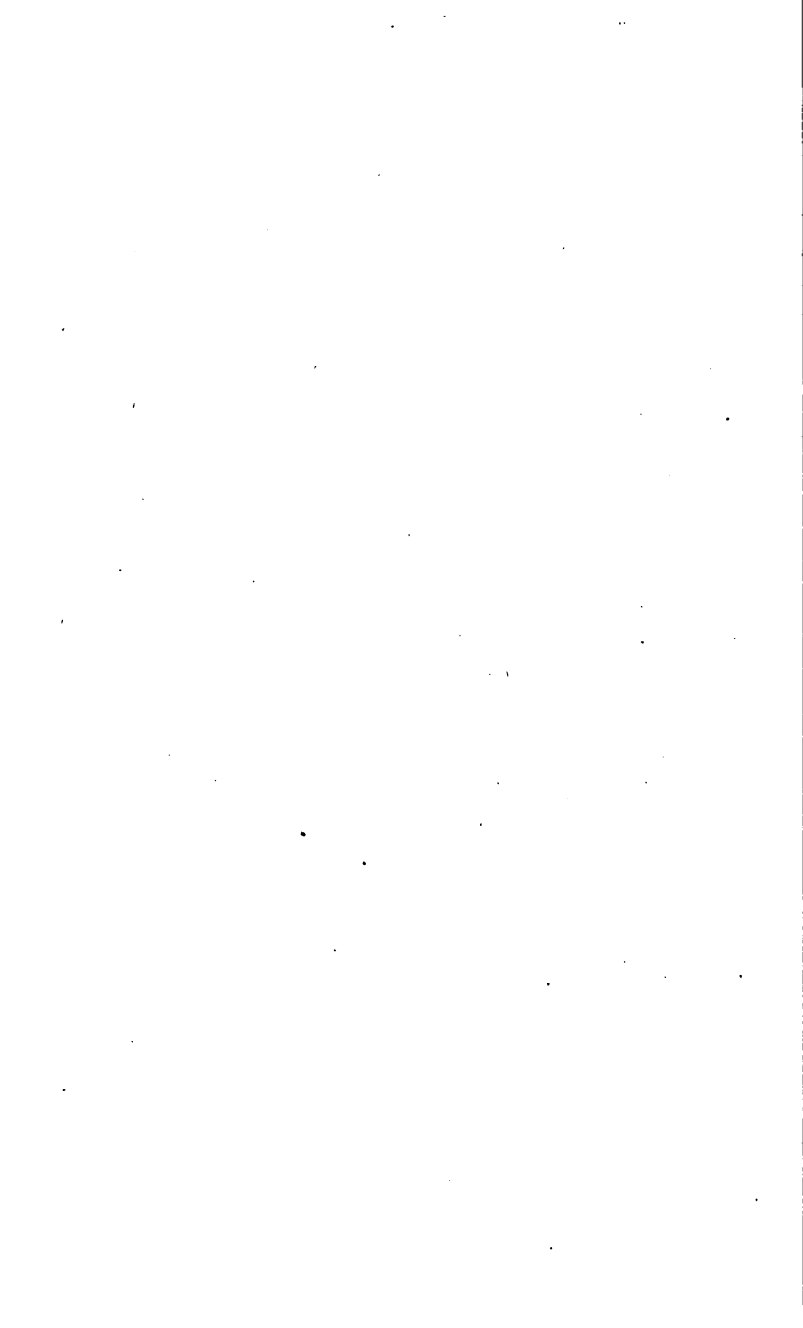
A ONDA

Vão maus os tempos d'agora
Para cousas de poesia;
Cresce a onda: a prosa fria
Tudo invade e nos devora.

Quando surge a luz da aurora
Ninguem ouve a cotovia,
E o trovador de algum dia
Canções d'amor já não chora.

A musa veste á burgueza,
Apollo frisa o topéte,
Fuma á porta da Havaneza;

A vindima não promette:
O Pindo causa tristeza...
Adeus, *ma tendre musette!*

NOTAS

NOTAS

I

O ULTIMO BOHEMIO

Esta palavra, adoptada ha muito em França e reconhecida officialmente pela Academia franceza para designar uma certa classe de artistas, sobretudo litteratos e pintores, que passavam uma vida errante, precaria e incoherente, e que depois se tornou extensiva a todos aquelles que seguiam esse teor de vida, talvez a muitos pareça um puro gallicismo.

Não me parece, porém, que o seja.

Foi, por comparação com a vida phantastica e vagabunda dos bohemios, entre nós conhecidos por ciganos, na Italia por zingari, e em Hespanha por gitanos, que essa palavra foi, com aquella significação, introduzida em França, onde rapidamente se tornou popular, e onde subsiste.

Por esse motivo ficariam os outros povos inhibidos de fazer a mesma comparação, ou de adoptar a já feita? Com certeza que não, porque não ha gallicismos ou estrangeirismos de pensamento: para pensamentos

não ha geographias physicas ou politicas, não ha fronteiras, nem raças: são de todo o individuo que pensa, como o ar é de todo o pulmão que respira.

Demais, uma lingua não póde permanecer immutavel, estacionaria, — porque ideas ou cousas novas requerem palavras coevas, locuções da mesma epocha. Quem agora se lembrasse de escrever como se escrevia, não digo já no seculo XVI ou XVII, mas no seculo XVIII, causaria a mesma surpreza (gallicismo, segundo D. Francisco de S. Luiz) que se se apresentasse, na rua, de cabelleira empoada, tricornio debaixo do braço, bofes, calção, meia esticada, e sapato com fivela, aspecto com que sempre se me affigurou vêr o hirto Latino Coelho, cujo estylo, correcto como uma linha geometrica, e sêcco como um feixe de palha, tresanda a môfo.

D'estas palavras, porém, não se conclua que defendo os gallici-parlas, e sobretudo os da vasconsa que, sob pretexto de evolução ás arrecúas, trazem adulterada uma lingua, que, se não fosse o terrivel e superabundante sub-fixo — ão, — que em todas as outras linguas, incluindo as slavas, é o sonoro e eufonico *on*, e que a faz assimilhar a uma lingua de cão que ladra, sería pela sua amplitude e flexibilidade, a primeira lingua do mundo. O que digo e sustento é que os chamados gallicismos devem acceitar-se, embora excepcionalmente, quando necessarios, ou quando representem um cambiante de pensamento que debalde se procurará nos termos que lhes sejam correspondentes na lingua portugueza.

Assim obraram os nossos mais classicos escriptores, os quaes não hesitaram em adoptar palavras francezas que julgaram necessarias para exprimir as suas ideas. Talvez isto pareça estranho, mas leiam-se os Barros, os

Freires, os Bernardes, os Lucenas, e outros, e comparem-se com o futuro Diccionario etymologico de Candido de Figueiredo e vêr-se-á se o que eu affirmo é, ou não verdade. É que, pela diuturnidade do tempo e adopção geral, esses vocabulos adquiriram os fóros de genuinos portuguezes, e sendo realmente gallicismos, já a ninguem parece que o sejam.

Qual será o escriptor, por mais meticuloso que seja, que hesite em escrever: arabesco, conjunctura, cadastro, parque, torsa (columna) abandôno, adepto, ascendente, audacioso, bruscamente, cabotagem, deferencia, espião, faccioso, favorito, formato, humilhante, impetuosidade, inabalavel, incalculavel, infracção, insultante, intriga, sensato, subsistencia, temivel, turba, viajante, e mil outros apontados por D. Francisco de S. Luiz, no seu *Glossario?* Nenhum, até porque grande numero d'esses gallicismos têm boa origem na lingua mãe, a latina.

O que não póde tolerar-se é a substituição inutil ou grutesca de vocabulos nossos, excellentes, expressivos e claros, por outros francezes que lhes são, debaixo de todos os aspectos, inferiores. Em Lisboa, passeio é *trottoir*, como se fossem cousas differentes; o classico mostrador ou vidraça de amostras é *montra;* o portão de ferro ou grade é *grille,* o desenho a traços ou esbôço *croquis.* «Sua Magestade a rainha a snr.ª D. Amelia (lê-se a cada passo nos diarios de Lisboa) esteve em tal parte a fazer croquis.» Mais um pouco e transformariam a encantadora princeza em cozinheira franceza... a fazer croquettes.

Como a lista d'esta especie sería interminavel, passo aos de outro genero, aos de certas expressões ou combinações de palavras, que não podem tolerar-se por contrarias ao genio da lingua, mal soantes, e inferiores,

como expressão, ás nossas correspondentes. Como são numerosas, indicarei sómente, como exemplo: *golpe d'olho*, *chefe d'obra*, *homens de baixa extracção*, *cores quentes* (couleurs chaudes) e *bloco de marmore*, introduzido por Theophilo Braga.

Para substituir a primeira ha, por exemplo, *volver d'olhos*, ou como diz Francisco de Andrade no *Primeiro cerco de Diu;* no canto IV: *virar d'olhos:*

> «Vae-se ao longo do rio passeando,
> Que dos seus apartar-se determina,
> Com brando *virar d'olhos* alegrando
> Ora aquella clara onda, ora a bonina.»

Ou, *quebrar d'olhos*, expressão ainda melhor de Mousinho, no canto VI do *Affonso Africano:*

> «Quem pode resistir a um doce e brando
> Quebrar d'olhos que as almas vae roubando?»

Para substituir aquellas outras expressões francezas, ha em portuguez: *obra prima*, *homem de humilde nascimento*, *cores ardentes*, e *pedaço de marmore*. Theophilo substituiu este pedaço por bloco, por talvez lhe não caber no verso.

O peor, porém, não é isto, porque não são realmente os maus gallicismos de palavras ou de expressões os que nos trazem adulterada a lingua: são os de syntaxe, os quaes lhe vão transformando a indole, confundindo os systemas de construcção das duas linguas.

Para este mal não encontro remedio, visto não serem permittidos, pelas nossas leis, os castigos corporaes. Assim, a onda irá crescendo, tão alta que levará tudo de vencida, e tempos virão, não muito distantes,

em que o infeliz, que escrever com grammatica e senso commum, será apontado ao dedo como um mentecapto que faz rir.

Por isso, e prevendo essa catástrophe, me vou passando, prudentemente, para o lado dos futuros vencedores, levando nos braços, a titulo de recommendação, o meu suspeito *bohemio* — já agora cosmopolita pela origem de raça, e pela adopção geral.

II

FORÇA DO AMOR

PORQUE Lope de Vega se dirige neste soneto á sua propria sotaina, veste clerical entre nós, não se supponha que elle era padre: foi-o, mas ainda o não era, na epocha em que o fez.

Lope de Vega, nascido em Madrid a 25 de novembro de 1562, e fallecido a 25 d'agosto de 1635, é considerado, por muitos eruditos, como o principe dos poetas hespanhoes; mas o que talvez os meus leitores ignorem é que esse « prodigio da natureza » — como lhe chamavam — possuia, como nenhum outro, as verdadeiras feições do poeta peninsular: na mocidade, homem de saraus, de amores nocturnos, de rixas e serenatas; mais tarde, homem de espada, secretario d'um principe, embaixador; nos ultimos tempos, sacerdote, monge obscuro em mosteiro solitario. Lope de Vega passou por

estas phases: moreno, alto, de olhar vivo e fronte larga, destro, corajoso e elegante, era um moço guapo, um completo D. Juan. Todas as noites victoriado nos theatros de Madrid, onde fez representar mais de 2:000 peças, dramas, comedias ou farças, as mais bellas damas da côrte, e as mais timidas Julietas e Rosinas da cidade coroada, procuravam anciosas conhecer na scena dos amores o homem que era mostrado aos forasteiros como um prodigio: o poeta, que o povo seguia nas ruas, apontando-o ao dedo e acclamando-o como ao duque d'Alba e a Filippe II.

Ora, a esta vida tempestuosa nem um Hercules poderia resistir: sentindo-se alquebrado, e desejoso da paz domestica, pôz de lado o longo manto das aventuras nocturnas, o amplo chapeu de fôrma aguda, a guitarra e o florete; e vestindo a roupa de gala, desde o sapato golpeado até ao chapeu de pluma branca, conduziu perante os altares uma dama da principal nobreza: D. Izabel.

Poeta casado, poeta desgraçado: ou o casamento absorve a poesia, ou esta se emancipa, rompendo o laço que a prende ás cousas da terra.

Lope de Vega não pôde subtrahir-se a esta fatalidade, e depois de ter estendido por terra, passando-o de ponta, um certo espadachim malicioso a quem desafiára, lá se foi na grande Armada em procura do esquecimento.

A sorte foi-lhe adversa, mas compensou-lhe o desastre do naufragio com a benção da viuvez consoladora.

Mais tarde, porém, quiz a Divina Providencia, lançando-o nos abysmos d'um segundo casamento, submettel-o a uma nova provação; até que vendo-o nos extremos da miseria humana, lhe lançou olhos de piedade, deixando-o outra vez só nos lances d'este mundo.

Foi, ao que parece, depois d'estas segundas nupcias, que elle disse, segundo refere o velho Latouche, no seu *Cours de Littérature Comparée*, estas memoraveis palavras: « Ia ser padre, e apaixonei-me. Cegaram-me os olhos de uma mulher, e casei com ella. Deus lhe perdôe: comparadas a uma tal desgraça, todas as outras são cousa nenhuma. »

Desenganado, alfim, do nada dos prazeres terrenos, tomou ordens de presbytero, dando-se á pratica das virtudes christãs, e edificando as almas piedosas com o exemplo de uma vida austera e santa. Os seus magnificos sonetos religiosos datam d'esta epocha.

Sob o mesmo aspecto, o nosso Diogo Bernardes póde comparar-se a Lope de Vega.

Moço e poeta, galanteava na côrte certa dama de gentil semblante, e como desejasse merecel-a, partiu-se com o infeliz D. Sebastião em procura de honras e victorias.

O que se passou em Alcacer-Kibir todos o sabem: os raros portuguezes que escaparam á morte, não escaparam ao captiveiro. Bernardes foi um d'estes. Sentado num rochedo, e alongando os olhos pela vasta planicie dos mares, ora cantava os lances d'aquella triste jornada, em que morreram os ultimos portuguezes « vencidos não, mas de vencer cançados »; ora cantava as tristezas da escravidão, e os horrores d'aquella soledade.

Resgatado por uns frades, poude emfim voltar á patria, mas para receber o ultimo golpe: a dama a quem amava, suppondo-o morto, pedira consolações aos vivos: nem morrera, nem se mettera freira.

Foi então que, retirando-se do mundo, se foi para as margens do Lima, onde se entregou aos salutares exercicios da religião christã, e á vida contemplativa dos anachoretas da Thebaida.

E fez versos a Nossa Senhora da Conceição, e a Santa Ursula.

Mas, voltemos a Lope de Vega.

Todos sabem que foi elle um dos maiores adversarios da escola de Luiz Gôngora, que então dominava em toda a peninsula; é certo, porém, que ás vezes, como o nosso proprio Camões em grande numero dos seus sonetos, não pôde subtrahir-se á influencia do Victor Hugo d'aquelles tempos.

A *Pulga*, que traduzi, e que saiu nas *Rimas*, é uma prova d'isto.

Além d'essa poesia e da *Força do amor*, não conheço, entre nós, d'este grande poeta, senão dous magnificos sonetos, bellamente traduzidos e metrificados por Theophilo Braga: *A um crucifixo*, e o *Passarinho fugido*.

III

VERSOS Á CARMEN

Esta composição não passa de uma extravagancia metrica, ou antes, de um conto em verso para creanças. Só lhe falta a moralidade, no que se parece com muitos dos de Andersen, Grimm e Perrault. Não obstante, hesitei em publical-a, não por que entenda que a moralidade é essencial na arte, mas porque excede aquelles limites, transpostos os quaes a phantasia não

tem fundamento em cousas possiveis, o que é de reprovar, embora não seja crime.

Essa hesitação, porém, talvez pueril, teve de ceder diante da vontade imperiosa da creança para quem esses versos foram escriptos, — porque, se o conto é de phantasia, a creança não o é: uma creança de quinze primaveras.

Depois de os ter feito, na presença d'ella, e de lh'os lêr, entreguei-lh'os. Dobrou-os, em silencio, e metteu-os no seio — do lado esquerdo: era hespanhola.

Se fosse portugueza, diria: — «São bonitos; muito agradecida.»

Ultimamente, disse-lhe:

—«Carmen, os teus versos não entram no livro que vou publicar: bem vês que não passam de um puro gracejo que a gravidade das circumstancias decerto reprovaria.

Vendo-a silenciosa, e de uma pallidez mortal, accrescentei:

«Mas não te zangues por tão pouco, — porque te hei-de fazer outros, serios, e tão bonitos, que até has de chorar, quando os leres.»

Erguendo-se então, como uma leoa:

— «Não os quero: quero os meus, porque esses sei que foram feitos para mim, só para mim, e hão de sair.

— E se não sairem?

— Não sae o livro porque o rasgo, e em seguida passo tres dias e tres noites sem fallar, sem comer e sem dormir.»

Em face d'esta horrivel ameaça, cedi; mas ainda assim, e pela primeira vez desde que entrei no Parnaso, inquiri, sobre o assumpto, José Simões Dias, o qual

opinou pela publicação, dizendo que de maneira alguma deixasse de os inserir no volume.

Vendo, pois, contra mim toda a Hespanha, porque José Simões é realmente um poeta hespanhol, melhor do que nenhum dos indigenas de lá, tive de ceder, — e cedi da melhor vontade.

IV

DESENLACE

O VERSO:

» Alzarte un giorno il càndido sipàrio.»

é de Giambattista Casti, poeta italiano do seculo XVIII, autor dos *Animaes Fallantes*. Extrahi-o de um dos seus deliciosos contos em verso — *Novelle inedite*. Traduzido em portuguez daria um excellente saphico, mas não sería da minha lavra, e faria talvez assomar ás faces de liz das minhas amorosas leitoras o colorido vulgar das rosas de todo o anno. Assim, em puro toscano, será para os que ignoram a lingua do Boccacio e do Aretino como que uma musica de que se não conhece a letra; para os que a sabem, e poucos são, uma phrase que traduz fielmente o meu pensamento, e que talvez lhes suscite a ideia de relerem *La Vernice, La Papessa Giovanna*, e tantos outros contos do malicioso Piron italiano.

V

TANCREDO

Naquelle tempo, a litteratura que florescia entre nós, se não era lacrimosa como a hodierna, era comtudo grave, digna e respeitavel, como uma matrona que suggere pensamentos de matrimonio, mas que não inspira ideas d'amor. Assim, este pequeno conto em verso produziu, naquelle meio official e circumspecto, uma sensação de surpreza, que lhe mereceu uma notoriedade, realmente não merecida. No dia em que concluí a ultima estrophe, alguns academicos resolveram festejar ruidosamente o acontecimento. O transito, pela Couraça de Lisboa, ficou interrompido durante muitas horas: uma grande fogueira que se accendeu em frente do templo do novo Apollo, e á roda da qual as raparigas da visinhança formaram desde logo as suas danças, foi a causa principal d'essa interrupção. Um importante casco de vinho foi franqueado ao publico, no balcão exterior do edificio. De momento a momento, bombardas estrepitosas, e trons de esfogueteamento, levavam o espanto ás povoações boqui-abertas, e obrigavam ao silencio as rãs coaxantes do placido Mondego. A musica compunha-se do Roque, sapateiro da visinhança, que tocava trompa, e de um academico que imitava com a voz a gaita-de-folles, com tal perfeição, que illudiria um *gaitero* da visinha Hespanha, se o ouvisse.

Uma primorosa ceia, fornecida pela grande artista culinaria Maria Camela, dividiu esta primeira parte do programma, da segunda.

A segunda consistiu na representação improvisada da *Ignez de Castro*, num só acto, e em verso alexandrino. Os papeis foram assim distribuidos:

Ignez — Alvaro do Carvalhal;

Pedro, o cru — o individuo que escreve estas linhas;

D. Affonso — Manuel da Assumpção;

Pacheco — Marçal Pacheco;

Coelho — Zeferino Brandão;

As tenras creancinhas — dous academicos cujas barbas lhes chegavam até aos embigos.

Damas da côrte, pagens e conjurados.

A representação correu, desde o principio até ao fim, sem hesitações algumas, com um enthusiasmo, uma vehemencia de expressão que surprehenderiam as maiores summidades theatraes. Individuos que nunca até ali tinham feito um verso, como Marçal Pacheco, levados pelo rythmo cadenciado da lenga-lenga, fizeram alexandrinos, que Junqueiro poderia adoptar para os seus poemas. Foram os primeiros, e talvez os ultimos que fizeram em sua vida. As scenas capitaes: a do colloquio entre Affonso e Pacheco, a da supplica de Ignez, e a da morte da infeliz menina, arrancaram lagrimas a alguns espectadores. No fim do espectaculo os actores, abraçados uns aos outros, fizeram uma ovação a si mesmos, que tocou as raias do delirio. A musica, a que acima me referi, fez ouvir os seus accordes accelerados, e precedida por ella, toda aquella massa de academicos desceu á baixa, realisando-se então, no Paço do Conde, um segundo repasto homerico. O que depois se seguiu perde-se nas penumbras incertas das cousas vagas e phantasticas. Ninguem sabe como aquillo acabou, ha-

vendo só ao outro dia uma idea vaga, mas geral, de que houve ainda uma terceira ceia, não se sabe aonde. Roque perdeu a trompa, pelo que se abriu uma subscripção publica para lhe comprar uma de oiro e marfim. Como não apparecesse no mercado, comprou-se-lhe uma, de metal amarello, ou do metal de que ellas se costumam fazer, e que elle recebeu confuso de reconhecimento.

E *Tancredo?*

Elle mesmo assistiu á primeira parte d'esta manifestação jubilosa. Era, por fim de contas, um excellente rapaz, que tinha uma voz poderosa, como a de um jumento, o que explica as primeiras estrophes do conto. Deve a estas horas estar juiz em qualquer parte.

Ella? Vive ainda, e talvez, lendo estas linhas, se as lêr, se recorde, em horas de silencio, do incoherente romance da sua mocidade.

E... o terceiro personagem?

Esse

> «Dos tempos se recorda com saudade
> Em que nos campos do Mondego ouvia
> A ditosa canção da mocidade.»

VI

JONH BULL

Como ha uma evidente semelhança entre este soneto e o *Fi!* não vem fóra de proposito explical-a. Estavamos em plena effervescencia de indignação contra a Inglaterra por causa do seu ultimatum, relativo ás nossas aventuras africanas. Como não tivessemos balas para repellir a affronta, serviamo-nos, em logar d'ellas, não de dentes que arrancassemos dos queixos, como em Diu, mas de versos. Era uma verdadeira chuva de pedraça, que faria passar algumas horas de bom humor á grande nação, se ella, no seu labutar incessante pela civilisação dos povos em ordem a conservar-lhe pando de beeftechs e d'ale o bojo enorme, pudesse dar attenção a cousas minimas. Eu mesmo, homem de paz, entrei no prelio com um d'aquelles sonetos, do qual um amador de cousas metricas se apoderou, no momento em que deante d'elle o improvisei, em face de uma garrafa de cerveja... inimiga. Uns dias depois chega-me de Coimbra uma encommenda urgente de sonetos ou de outro qualquer explusivo, porque faltavam munições de guerra. Lembrei-me logo da bala já fundida, mas o supracitado amador de cousas metricas tinha disposto d'ella como de cousa sua que julgou ser, enviando-a para Lisboa, a fim de seguir o seu destino. Como não costumo decorar os versos que faço, os quaes depois de concluidos nunca mais torno a lêr, vi-me em

sérios apuros para satisfazer ao pedido que me faziam, porque, francamente, a Inglaterra, apezar da sua verde Escocia, do seu vasto e inaccessivel mar de ondas esterlinas, das suas mulheres encantadoras, de faces em que ainda floresce a rosa antiga; apesar dos seus obscuros nevoeiros, e dos seus penetrantes odores a gin não é assumpto que me inspire nem versos de enthusiasmo e amor, nem de indignação ou odio.

Fiz, portanto, por me recordar da obra feita, a vêr se a reconstruia; os meus esforços, porém, foram baldados, resultando no entanto d'ahi a semelhança que os meus numerosos leitores poderão encontrar entre os dous alludidos sonetos, duas balas de papelão perdidas no campo da batalha.

VII

UMA ANDALUZA

Não ha um unico homem que, deante de uma andaluza, quando ella é uma verdadeira filha da terra de Santa Maria, não trema de amor e de desejos. São as mais encantadoras mulheres do mundo, depois das hespanholas do norte, loiras, mais poeticas e mais doces.

As andaluzas são superiores quanto ao pandeiro e ás seguidilhas, mas as do norte subpujam-as no zapateado e na persistencia em suas affeições mysteriosas. Umas e outras, porém, são dignas dos nossos amores e dos nossos madrigaes, — mas tudo em verso, porque amar a sério uma hespanhola, o mesmo é que *jogar con fuego.*

No soneto *Uma andaluza* ha um duplo sentido: o que se refere ao tremor, de que acima fallei, e o que se refere aos tremores de terra que, na epocha em que essa poesia foi composta, abalavam, reduzindo-a a ruinas, a poetica Andaluzia. Sem esta explicação um desses sentidos passaria desapercebido, com o que pouco se perderia.

VIII

A ONDA

Quem lêr o ultimo verso d'esta ligeira composição talvez supponha que, lançando ás ortigas o meu pouco afinado alaúde, me quero safar do Parnaso á franceza, sem me despedir das musas: das minhas inquietas leitoras; sem me despedir de pessoa alguma. Não é, porém assim: quem uma vez entrou no mundo da arte, já d'elle não póde tornar a sair: é um mundo encantado, fóra do qual não ha salvação possivel. A minha saida é, pois, uma saida falsa, puramente theatral, e, bem ao contrario do que poderia ter-se imaginado, é meu proposito firme voltar agora, todos os annos, á scena, coberta a face com a mascara grega antiga, que d'um lado chora, e do outro ri, a exhibir perante o publico benigno as minhas já talvez extemporaneas habilidades, — de artista incoherente, mas sincero.

FIM

INDICE

11